



Bruna Cristina de Azeredo Bastos Leão Vieira

**Modificações corporais:
um diálogo entre corpo e psiquismo**

Dissertação de mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a Silvia Maria Abu-Jamra Zornig

Rio de Janeiro
Agosto de 2020



Bruna Cristina de Azeredo Bastos Leão Vieira

**Modificações corporais:
um diálogo entre corpo e psiquismo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profa. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig
Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Maria Isabel de Andrade Fortes
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Regina Maria Orth de Aragão
Pesquisadora Autônoma

Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2020.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Bruna Vieira

Graduou-se em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2017). Bolsista de mestrado CAPES (2018-2020). Participou do grupo de pesquisa em psicanálise e adolescência (2016-2017) do departamento de Psicologia da PUC-rio. Atualmente, trabalha como psicóloga clínica em consultório particular.

Ficha Catalográfica

Vieira, Bruna Cristina de Azeredo Bastos Leão

Modificações corporais : um diálogo entre corpo e psiquismo / Bruna Cristina de Azeredo Bastos Leão Vieira ; orientadora: Silvia Maria Abu-Jamra Zornig. – 2020.

80 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise. 3. Modificações corporais. 4. Corporeidade. 5. Constituição psíquica. I. Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À minha orientadora, Silvia Zornig, por todo o apoio, compreensão e incentivo ao longo do meu percurso no mestrado.

Aos professores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Aos meus colegas de mestrado, pelo apoio e incentivo relacionados à finalização deste trabalho.

À equipe da secretaria de pós-graduação, pelas ajudas, orientações e dedicação aos alunos.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

A CAPES e PUC-Rio, pelos auxílios concedidos e indispensáveis para a efetivação desta pesquisa.

À minha família e amigos, por todo o amor, carinho e apoio que vocês me deram ao longo da minha trajetória. Sou muito grata a todos vocês.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Vieira, Bruna; Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra. **Modificações corporais:** um diálogo entre corpo e psiquismo. Rio de Janeiro, 2020. 80p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As modificações corporais abordadas nesta pesquisa incluem a aplicação de tatuagens, body piercing, implantes subdérmicos e quaisquer outros tipos de intervenções que envolvam procedimentos dolorosos que geram uma transformação corporal extrema, resultando no cobrimento de uma parte considerável ou até mesmo quase total da superfície corporal, que é realizada por razões não-médicas e que fogem dos padrões estéticos comumente vistos na sociedade. Na presente pesquisa objetivou-se refletir sobre a relação existente entre corpo e psiquismo, explorando as noções de sensorialidade, memórias corporais, vivências primárias do bebê e o papel do Outro na constituição psíquica e corporal do sujeito para uma melhor compreensão acerca do modo como o corpo é concebido e hiperinvestido na atualidade, sendo as práticas de modificações corporais um exemplo disso. As investigações teóricas apontam que a constituição psíquica e a percepção corporal desenvolvem-se paralelamente uma à outra e influenciam-se mutuamente, sendo o ambiente um fator de grande importância para o desenvolvimento subjetivo, corporal e psíquico da criança, o que acaba coincidindo com o modo como o corpo é concebido desde tempos longínquos até os dias atuais, dentro de uma perspectiva individual e também social, servindo como palco de representações psíquicas que se traduzem na maneira como o sujeito se expressa através de seu corpo, sendo as modificações corporais exemplos importantes desse fenômeno, uma vez que elas permitem que a plasticidade corporal seja explorada a ponto de gerar reflexões em torno de até onde se estendem os limites do corpo e da versatilidade comunicativa da qual a dimensão corporal se utiliza para se expressar simbolicamente.

Palavras-chave

Psicanálise; modificações corporais; corporeidade; constituição psíquica;

Abstract

Vieira, Bruna; Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra (Advisor). **Body modifications: a dialogue between body and psychism**. Rio de Janeiro, 2020. 80p. Masters Essay - Psychology Department, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The body modifications presented in this survey include tattooing, body piercing, sub-dermal implanting and any other kinds of physical interventions, involving painful procedures that might generate an extreme transformation, coming out as the coverage of a large or even the total body surface. Carried out for non-medical purposes, these modifications are outside the social aesthetic standards. The following research seeks a reflection on the relationship between body and psyche, exploring notions of sensoriality, body memories, early newborn experiences and the Other's part to play in the psychic and physical constitution of the subject for a better comprehension on how the body have been perceived and hyper-invested lately, being the body modifications an example of that. The theoretical investigations have pointed that the psychic constitution and the corporeal perception are developed at the same time, influencing one another, being the environment a considerable factor for the child's subjective, physical, and psychic development. Which ends up overlapping with how the body is perceived since remote times until the present days, within both individual and social perspectives. The body modifications are a important representation of this phenomenon, once they allow the corporeal malleability to be explored, to the stage of rising reflections about how far can go the limits of the body and the communicative versatility, which is used by the corporeal dimension to symbolically express itself.

Keywords

Psychoanalysis; body modifications; corporeality; psychic constitution;

Sumário

1. Introdução.....	8
2. O paralelismo existente entre a constituição do corpo e do psiquismo. 15	
2.1. Um diálogo entre constituição psíquica e imagem inconsciente do corpo.....	16
2.2. O conceito de corporeidade e sua ligação com experiências primárias.....	21
3. O Outro visto como espelho e a possibilitação de diferentes entrelaces entre as imagens da dimensão corporal.....	30
3.1. A função do olhar especular do Outro a partir da distinção entre os conceitos de esquema corporal e de imagem inconsciente do corpo. ...	31
3.2. O corpo visto sob a perspectiva de Paul Schilder.....	36
4. As modificações corporais e o corpo na atualidade.....	49
4.1. Um aprofundamento no caráter subjetivo das modificações corporais.....	50
4.2. O corpo contemporâneo e as modificações corporais como formas de expressão e de comunicação entre o sujeito e o Outro.....	60
5. Considerações finais.....	70
6. Referências.....	77

1. Introdução

Esta pesquisa tem como plano de fundo o contexto das modificações corporais, que se referem a qualquer alteração deliberada no corpo humano que seja feita por razões não médicas e que fogem dos padrões estéticos comumente vistos na sociedade. Existem diversas formas através das quais o corpo pode sofrer modificações, sendo que, neste trabalho, o enfoque das modificações corporais girará em torno de casos que envolvem a aplicação de tatuagens, cicatrizes, body piercing, implantes subdérmicos e quaisquer outros tipos de intervenções que estejam associadas a procedimentos dolorosos atrelados a experiências sensoriais e de transformação extrema do corpo, que envolvem cobrimento de uma parte considerável ou até mesmo quase total da superfície corporal.

A questão que gira em torno deste tema remete a uma reflexão sobre o modo como o sujeito construiu sua noção de corpo, especialmente na 1ª infância, e sobre os possíveis registros sensoriais deixados no sujeito nesta etapa da vida, principalmente no que se refere às relações primordiais estabelecidas com a figura materna. Um dos eixos mais relevantes desta temática diz respeito à relação do sujeito com sua imagem corporal e ao modo como tal relação é construída ao longo do tempo, destacando-se as fases mais primitivas do desenvolvimento.

Tomando como referência o contexto das modificações corporais, este estudo objetiva refletir sobre a relação existente entre corpo e psiquismo, explorando as noções de sensorialidade, memórias corporais e vivências primárias do bebê para uma melhor compreensão acerca do modo como o corpo é investido na atualidade e visto como um canal versátil de comunicação entre o sujeito e o ambiente, sendo as práticas de modificações corporais exemplos ricos de tais formas de investimento e de expressão corporal.

Para que tais investigações pudessem ser realizadas, foi feita uma pesquisa teórica que buscou analisar a relação existente entre constituição psíquica e imagem inconsciente do corpo, enfatizando a passagem do corpo autoerótico para um corpo narcísico unificado; avaliar o papel da função especular do olhar do Outro para a constituição psíquica e corporal do bebê, a partir da diferenciação

entre esquema corporal e imagem inconsciente do corpo; e refletir sobre as ideias de centralidade e de hiperinvestimento do corpo na atualidade, a partir da ótica das modificações corporais.

No livro *A imagem inconsciente do corpo*, Dolto (1984) inaugura o conceito de “imagem inconsciente do corpo”, que representa o modo como o corpo é psiquicamente percebido pelo sujeito. Essa representação é totalmente singular e está ligada à história de vida de cada indivíduo e aos registros sensoriais inconscientes experimentados, principalmente, na 1ª infância, dentro da relação do sujeito com sua figura materna.

No primeiro capítulo desta pesquisa será analisada a associação existente entre constituição psíquica e imagem inconsciente do corpo (Dolto, 1984), utilizando-se como base principal as teorizações de Freud (2007) e de Ogden (1982), e também será feita uma reflexão sobre o conceito de corporeidade e sua relação com as experiências primárias. A noção de corporeidade será aprofundada por Freud (1923), especialmente a partir das ideias contidas em *O ego e o Id*, dentro da perspectiva de que o Eu é, sobretudo, um Eu corporal e de que os órgãos de percepção seriam veículos de mediação que formam o núcleo de origem do Eu, e também por Coelho Junior (2010), que enxerga o conceito de corporeidade como uma alternativa para designar um campo específico de experiências sensoriais e afetivas, constituídas de significantes, ainda que em uma dimensão protossimbólica (Coelho Junior, 2010).

A ideia de corporeidade serve como um auxílio para se pensar a estreita relação existente entre corpo e psiquismo. No texto *O Ego e o Id*, Freud (1923) propõe a ideia de que o “Eu é, sobretudo, um Eu corporal”. Além disso, o Eu é também, ele mesmo, a projeção de uma superfície (1923, p. 38). De acordo com o autor, os órgãos de percepção seriam veículos de mediação que formam o núcleo de origem do Eu. Ainda neste texto, Freud coloca em destaque o fator da simultaneidade das dimensões internas (pulsões – a partir do Id e das percepções endopsíquicas) e externas (realidade, outros – a partir da percepção externa). Dessa forma, as dimensões intrapsíquicas (objetos internos, pulsões) não poderiam mais ser vistas como opostas às dimensões intersubjetivas (relação com o outro, com objetos externos). Segundo Coelho Junior (2010), há uma simultaneidade dessas dimensões no âmbito da corporeidade. A corporeidade

seria, portanto, ao mesmo tempo, interna (pulsões) e externa (abertura permanente para o mundo, para os outros).

Na 1ª infância, o que apareceria seriam as “marcas no corpo”, que, segundo Coelho Junior (2010), caracterizam-se por elementos constitutivos que não são imagens nem representações, mas operações que deixam marcas e cicatrizes no corpo do sujeito, podendo também ser denominadas de “memórias corporais”. Nesta etapa primitiva da vida, há uma predominância da experiência sensorial que irá abarcar uma primeira construção do senso de Self. Segundo Ogden (1982), “o ritmo e a experiência de contiguidade serão decisivos e essenciais para as relações primitivas do bebê com seus objetos nesse momento, onde a experiência sensorial é o bebê”. O autor, ao falar sobre a posição autista-contígua, além de demarcar a importância dos dados sensoriais para a formação de conexões pré-simbólicas, também ressalta esta posição como geradora de fronteiras e delimitações na superfície do corpo do sujeito. É essa posição, baseada na experiência da sensorialidade, que se tornará a principal ferramenta para a criação de sentido psíquico e para a construção de uma primeira experiência de Self. De acordo com Coelho Junior (2010), “trata-se de um lugar em que o bebê sente, pensa e vive, em contiguidade com a presença viva da mãe; um lugar que tem forma, dureza, frieza, calor e textura, que são o início das qualidades que fazem com que alguém seja”. A presença da mãe e a percepção de tal sensorialidade composta por estímulos tão rudimentares permitirão que o sujeito passe por uma experiência de conexão consigo mesmo, através desses elementos que trazem um sentimento de unicidade ao Self. A ideia de corporeidade abarcaria, portanto, tanto uma dimensão pulsional, quanto uma dimensão relacional, geradora de protossentidos.

Lazzarini e Viana (2006) também trarão contribuições à noção de corporeidade, na medida em que farão uma contextualização das teorizações formuladas por Freud, enfatizando, principalmente, a passagem de um corpo autoerótico fragmentado para um corpo narcísico unificado, tendo o Outro um papel fundamental neste processo, o que dará início às primeiras experiências de reconhecimento do Self.

No segundo capítulo, tendo em vista a importância do viés relacional para que a imagem corporal seja construída e reconhecida, será avaliada a função do olhar especular do Outro a partir da distinção entre os conceitos de esquema

corporal (corpo visto como superfície/matéria) e de imagem inconsciente do corpo (corpo visto como um espaço onde são depositadas marcas relacionais inconscientes; marcas estas que acompanham o sujeito ao longo da vida e representam uma interligação entre passado e presente). A distinção existente entre esses dois conceitos será explicada através das conceituações de Dolto (1984), enquanto a função do olhar especular do Outro será aprofundada através das contribuições trazidas principalmente por Winnicott (1967 [1975]), a partir da ideia de papel de espelho da figura materna para o desenvolvimento maturacional infantil, e de Socha (2008), que conversará com as teorizações winnicottianas para explicar de que forma poderão haver falhas nesse processo onde a figura materna exerce tal função especular.

As noções de esquema corporal e de imagem inconsciente do corpo, apresentadas por Dolto (1984), servem de auxílio para se pensar a distinção e a relação existentes entre superfície corporal e corpo simbólico. Dentro desse contexto, a forma como tal corpo será apresentado ao indivíduo, através de um Outro que se reflita – ou não – no espelho com a criança, irá delimitar o quanto que o estádio do espelho poderá ser simbólico ou dessimbolígeno para a formação da imagem inconsciente do corpo desse sujeito (p.121). Ainda de acordo com Dolto (1984), a imagem do indivíduo que se vê no espelho pode se tornar alienante, caso não exista uma pessoa que esteja diante do espelho com ele e que também emita respostas à reflexão que ali aparece. As consequências desta alienação poderiam resultar, portanto, em uma espécie de inapropriação desta imagem por parte do sujeito que a encara, caso não seja construída uma demarcação sólida dos limites corporais e do sentido que é dado a esse corpo.

Winnicott (1967 [1975]), inspirando-se no trabalho de Lacan “*O estádio do espelho*” (1949), irá propor a ideia de que a figura materna possui um papel singular para o desenvolvimento maturacional infantil, servindo-se da função de um espelho no qual o bebê irá se ver refletido. Aqui, o que é ressaltado é o aspecto interrelacional, onde a figura materna irá traduzir para o bebê o que ele está sentindo e trazer significado a essas experiências primárias. Neste momento, o manejo e a erogenização do corpo do bebê abrirá espaço para o desenvolvimento da imagem inconsciente do corpo proposta por Dolto (1984).

Além disso, ainda no segundo capítulo, será trazida a perspectiva de Paul Schilder acerca da imagem do corpo e das energias construtivas da psique, onde

serão feitas reflexões sobre sensorialidade, percepção corporal, modelo postural do corpo, esquema corporal, dentre outras conceituações que servem como uma forma de complementação e de revisão em relação aos conceitos trazidos por Dolto (1984) e outros autores.

Finalmente, no terceiro capítulo, a questão referente à centralidade e ao hiperinvestimento do corpo na atualidade será aprofundada a partir da ótica das modificações corporais. Susie Orbach (2009) destaca o aspecto socio-cultural para explicar o modo como a imagem corporal vem adquirindo diferentes significados na sociedade contemporânea, onde os indivíduos, desde idades precoces, sofrem uma grande influência da mídia para aderirem a uma lógica de padronização dos corpos, com o objetivo de se sentirem encaixados em determinados grupos sociais e de se sentirem esteticamente valorizados pelos outros ao redor. Paola Mieli (2002) também reflete sobre o corpo na atualidade, mas a partir de uma perspectiva mais intra-psíquica do que a trazida por Orbach. Ao falar sobre o conceito de “landmark”, Mieli oferece uma conceituação que preza pela história e pelas vivências pessoais de cada indivíduo, ao invés de se voltar para o aspecto coletivo e social. Nolasco (2006), mais adiante, irá discorrer de forma mais aprofundada sobre as definições existentes atualmente acerca das modificações corporais. Além disso, o autor procura fazer uma diferenciação entre estas modificações corporais e outros tipos de procedimentos - como as cirurgias plásticas -, que apelam mais para o aspecto estético-social do que para o aspecto individual.

Ainda no terceiro capítulo é apresentado o conceito de bioidentidades (Ortega, 2003) para ilustrar de que forma o modelo pautado em uma descrição interior de si mesmo é deslocado para a exterioridade e para a relação do sujeito com esta exterioridade. Essas identidades somáticas acabam trazendo para a dimensão corporal a expressão interior do Self, expressão essa, que, devido à natureza dinâmica do corpo, acaba se tornando também muito fluídica e mutável.

A pele, segundo Ferreira & Dupim (2016), se situa na fronteira entre o sujeito e o mundo, entre o eu e o Outro. Devido ao fato de a pele se situar nesta fronteira, ela acaba servindo como um canal de comunicação e de expressão direta com o ambiente, e isso se torna ainda mais evidente dentro do contexto da sociedade atual, onde está cada vez mais em evidência a questão do hiperinvestimento corporal. A pele, ao mesmo tempo que demarcaria os limites

existentes entre o sujeito e o mundo externo, também serviria como um meio através do qual sujeito e ambiente poderiam interagir mutuamente, afetando e sendo afetados um pelo outro, de maneira dinâmica.

Atualmente, é comum pensarmos em novas formas de produção de subjetividade, onde sujeitos utilizam, principalmente, o corpo como uma via de simbolização, seja por objetivos de ordem social ou pessoal. Tendo em vista o crescimento de psicopatologias relacionadas ao corpo na atualidade, tomando como exemplos os transtornos alimentares, o transtorno de personalidade borderline, a drogadição, além de outros transtornos relacionados à autoimagem e à autoestima, torna-se necessário o aprofundamento em pesquisas que coloquem o corpo como palco de muitas questões apresentadas atualmente, em diferentes faixas etárias e contextos. Em tais psicopatologias onde o corpo é visto como alvo de diversos sintomas e somatizações, costuma-se perceber uma grande fonte de sofrimento psíquico em sujeitos que se encontram inseridos em tais dinâmicas, as quais podem, inclusive, gerar consequências graves ou até mesmo irreversíveis na vida dessas pessoas. Por esse motivo, um estudo mais aprofundado acerca dos modos como o corpo pode se apresentar na atualidade torna-se relevante, uma vez que a superfície corporal é justamente a “capa” que nos serve de apresentação ao mundo externo e que, ao mesmo tempo, carrega marcas de nossa história pessoal.

O que essas psicopatologias “modernas” possuem em comum é a dificuldade quanto a possibilidade de representação psíquica. Levando em consideração a precariedade de pesquisas relacionados a esse território do pré-representacional, é considerado importante um estudo mais aprofundado sobre a dimensão do corpo na constituição do psiquismo, dando ênfase às vivências primárias e às experiências atreladas ao campo da sensorialidade.

No contexto social atual, o aspecto da corporeidade, que envolve uma relação direta entre corpo e psiquismo, tem ganhado cada vez mais destaque em diferentes contextos, e as práticas de modificações corporais ilustram bastante isso, uma vez que tais práticas não envolvem apenas questões estéticas, mas também a marcação na superfície corporal de um tempo que já passou, mas que continua ativo na realidade psíquica desses indivíduos e que encontra uma via de expressão importante na dimensão corporal.

Muitos destes sujeitos vêem o próprio corpo como uma tela em branco, à espera de cada vez mais transformações e “adornos”. O fator da insatisfação

também se destaca nesta situação, uma vez que indivíduos envolvidos em tais práticas nunca estão satisfeitos com o estado atual de seus corpos e sempre procuram acrescentar alguma marcação a mais, o que coloca em evidência o aspecto da repetição e da busca por algo que ofereça a esses indivíduos um senso de completude no que diz respeito à representação do esquema corporal.

É importante levar em consideração que o contexto das modificações corporais remete a uma irreversibilidade em relação a retornar ao estado original e “cru” dos corpos desses indivíduos e, não raramente, as cirurgias e os procedimentos estéticos aos quais essas pessoas se submetem não são bem-sucedidos, fato que gera consequências graves para a saúde de tais sujeitos e que pode até mesmo levá-los à morte. Dessa forma, é cabível refletir sobre o motivo pelo qual tais modificações, embora arriscadas e dolorosas, mostram-se tão importantes para esses indivíduos, que parecem recorrer às modificações corporais na tentativa de dar significado e representação às suas experiências psíquicas e adquirir uma nova e, ao mesmo tempo, fugidia imagem corporal.

Por fim, é relevante destacar as contribuições que as teorizações referentes às relações estabelecidas na 1ª infância oferecem para o entendimento do modo como o corpo é percebido dentro de uma cadeia representacional. O simbolismo corporal descrito pelas modificações corporais explicitadas nesta pesquisa consiste em um viés singular deste entendimento, embora existam muitos outros modos e contextos de se pensar o papel simbólico adquirido pelo corpo.

2. O paralelismo existente entre a constituição do corpo e do psiquismo

Este capítulo pretende traçar um paralelo entre constituição psíquica e constituição corporal, que ocorrem de forma simultânea e influenciam-se mutuamente ao longo do processo de desenvolvimento maturacional. Os aprendizados que o bebê adquire através de suas experiências primárias estão em profunda conexão com o contato que o corpo da criança faz com o ambiente e também com si mesmo. Na medida em que o sujeito vai se relacionando com os objetos do mundo externo e com seu próprio corpo, sua constituição psíquica vai se desenvolvendo cada vez mais e uma história vai sendo narrada a partir de tais vivências.

O ambiente possui grande influência no modo como a criança irá desenvolver sua percepção acerca do mundo e de si mesma. Desde a vida intra-uterina o bebê é influenciado pelo ambiente, ou seja, por sua mãe, e os estímulos sensoriais que ele receberá até mesmo dentro do útero terão um impacto sobre sua dimensão emocional e psíquica. Os cuidadores da criança, principalmente a figura materna, terão grande participação no modo como o sujeito irá perceber sua imagem corporal e, conseqüentemente, sua autoimagem como um todo, uma vez que através do corpo o bebê percebe e se relaciona com o ambiente, podendo se sentir mais ou menos amado, mais ou menos seguro, mais ou menos cuidado, mais ou menos admirado. Portanto, a percepção e a impressão que os cuidadores passarão para a criança acerca de seu esquema corporal terão profundo impacto sobre a imagem inconsciente que estará sendo desenvolvida em tempo real no infante.

Nos primórdios da vida, a relação que o bebê mantém com seu corpo é desorganizada e marcada pelo autoerotismo. O Outro possui um papel importante para que ocorra a passagem do corpo autoerótico para o corpo narcísico unificado, permitindo que o bebê tenha uma sensação de unidade e de organização que somente é possível com o auxílio do ambiente, uma vez que nesta fase da vida o

bebê encontra-se em total dependência do ambiente externo e de seus cuidados e investimentos para que seu corpo ganhe contornos, delimitações e significados.

O conceito de corporeidade apresentado neste capítulo representa a conexão existente entre corpo e psiquismo e também entre mundo interno (pulsões) e mundo externo (relação do sujeito com outros objetos), destacando o papel da sensorialidade para a assimilação das experiências primárias.

2.1. Um diálogo entre constituição psíquica e imagem inconsciente do corpo

No livro *A imagem inconsciente do corpo*, Dolto (1984) inaugura o conceito de “imagem inconsciente do corpo”, que representa o modo como o corpo é psiquicamente percebido pelo sujeito. Essa representação é totalmente singular e está ligada à história de vida de cada indivíduo e aos registros sensoriais inconscientes experimentados, principalmente, na 1ª infância, dentro da relação do sujeito com sua figura materna.

De acordo com Freud ([1905], 2006), o bebê, no momento de sua concepção, nasce em uma posição de total dependência em relação ao Outro; portanto, ele necessita de uma outra pessoa que atenda às suas necessidades físicas e emocionais e que lhe proporcione o máximo possível de segurança e de suporte especialmente nesta fase inicial do desenvolvimento. Ademais, para que o sujeito perceba sua existência como real, é necessário que o Outro o insira no universo da linguagem, através de significantes. O aspecto da falta é importante para que tais significantes adquiram sentido. Por exemplo, ao oferecer o seio e depois retirá-lo do infante, a mãe inaugura a falta do objeto e, dessa forma, imprime marcas no corpo da criança, a qual será preenchida pelo desejo de reencontrar o objeto perdido. A falta ressaltará, portanto, a importância do fator relacional para que a criança consiga ter suas necessidades atendidas, já que em um momento inicial ela se encontra em uma posição de total dependência em relação ao Outro. É importante que também exista neste Outro um desejo de suprir as necessidades do bebê, para que seja estabelecida uma relação de desejo recíproca e representada por uma demanda de ambas as partes. De acordo com Pizutti (2012),

“[...] a mãe amamenta seu filho apacando sua fome (mal-estar) e, ao retirar o seio (satisfação), desperta no bebê uma tensão no sentido de desejar que esse outro (mãe) deseje suprir o que sempre vai faltar. A marca que fica pelo objeto faltante é o que desenha no inconsciente o objeto do desejo” (Pizutti, 2012).

Neste primeiro momento, onde as demandas partem tanto do lado do infante quanto do lado da figura materna, a criança projeta seus desejos no Outro, na intenção de que este os realize. Enquanto isso, este Outro também enxerga a criança como um objeto de desejo cuja sobrevivência depende integralmente dos cuidados maternos.

As marcas corporais citadas anteriormente constituem-se como importantes bases da subjetividade e é por meio das sensações corpóreas experienciadas que a criança irá fazer um primeiro contato com o aspecto do desejo e começar a constituir-se psiquicamente. Ao manusear e amamentar o infante, por exemplo, a figura materna estará imprimindo marcas físicas e psíquicas na criança e, com isso, estará construindo uma rede de significados que terá um papel importante sobre as futuras escolhas objetais do sujeito. É relevante frisar que é através da repetição que o Outro irá inscrever no infante determinados traços de memória e inaugurar zonas erógenas, podendo algumas destas serem mais estimuladas do que outras. Dessa forma, o Outro inserirá o infante no mundo da linguagem, o qual é regido pelo domínio do prazer ou do desprazer, e provocará uma mobilização pulsional que dará início ao processo de constituição psíquica. A partir deste momento, o infante começará a explorar seu próprio corpo, com a intenção de entrar novamente em contato com tais experiências de prazer provocadas pela sua relação com o objeto primário. Esta fase é denominada de autoerotismo (Freud, 1905).

Embora a imagem inconsciente do corpo tenha sua formação nos primórdios da existência e esteja ligada à vivência interrelacional do sujeito com o objeto primário, ela é também vivida como uma experiência atual que pode se manifestar de diversas formas, seja através de expressões languageiras, de desenhos, de mímicas, de gestos, etc (Dolto, 1984). O fator relacional, ou seja, a comunicação do sujeito com o Outro, assume uma importância significativa para a compreensão do conceito de imagem inconsciente do corpo; isto porque esta imagem apenas consegue ser construída dentro de uma esfera interrelacional, que posteriormente se estenderá para a relação do sujeito com outras pessoas de seu

meio. Além disso, a forma como o sujeito irá cuidar e lidar com seu corpo dependerá do modo como seu corpo foi cuidado na infância pela figura materna. A introjeção de tal cuidado materno tornará possível - ou não - uma automaternagem positiva por parte da criança. Qualquer interrupção da relação e da comunicação com o objeto primário pode resultar em interferências na constituição psíquica do sujeito, já que esta vivência relacional é de suma importância para que o indivíduo consiga estruturar e solidificar seu Self. Retomando Freud (1914), o que o sujeito introjetará de sua relação com o Outro permitirá uma relação narcísica consigo mesmo futuramente (narcisismo secundário).

De acordo com Spitz (1979), a comunicação entre mãe e bebê, ao longo dos seis primeiros meses de vida até o final do primeiro ano acontece, majoritariamente, a nível não-verbal, onde são utilizados mecanismos que podem ser comparados aos que observamos no universo animal. Tais sinais e signos utilizados pela figura materna nessa época de vida precoce do infante envolvem aspectos como: equilíbrio, tensão (muscular ou outra), postura, temperatura, vibração, contato da pele e corporal, ritmo, tempo, duração, tom, timbre, ressonância, rumor e muitas outros (Spitz, 1979). A figura materna raramente está consciente desses aspectos envolvidos em seu contato com a criança durante essa fase do desenvolvimento infantil, mas estes aspectos têm sua presença fortemente marcada para o infante.

Ainda segundo este autor, durante a gravidez e durante o período imediatamente posterior ao parto, as mães aumentam sua capacidade potencial de reação cinestésica (Spitz, 1979). Aqui, o que acontece é uma espécie de sensibilidade telepática em relação à criança. Ou seja, a mãe é capaz de captar de forma praticamente telepática, especialmente durante esse período, o que a criança está precisando naquele exato momento, se o bebê está confortável ou desconfortável, se a criança está bem ou em apuros, dentre outras possibilidades. Basicamente, seus sentidos são instintivamente aguçados para que tais necessidades infantis sejam atendidas da forma mais imediata possível. Essa comunicação entre mãe e bebê no início da vida é extremamente sutil e sensível e, ao mesmo tempo, eficaz para que a criança inicie o estabelecimento de conexões com o mundo ao seu redor, a começar pelo seu contato com a figura materna.

Com o desenvolvimento da linguagem verbal, seu nível de comunicação com o mundo externo aumenta consideravelmente.

Ainda de acordo com Spitz (1979), as funções psíquicas, sejam elas sensações, percepções, pensamento ou ação, baseiam-se em mudanças de catexia libidinal, que são percebidas pelo indivíduo e pelo ambiente como afetos e processos afetivos (Spitz, 1979). Para o autor, os afetos, na primeira infância, desempenham o mesmo papel que o processo secundário desempenha no adulto. De maneira consciente ou inconsciente, durante tal fase do desenvolvimento descrita no parágrafo anterior, mãe e bebê permanecem em constante troca afetiva. Essa troca afetiva ocorre de maneira recíproca e, através dessa troca de afetos, a comunicação torna-se possível para o bebê, e a mãe se sente mais tranquila em perceber que está conseguindo exercer sua função de forma a atender às demandas da criança.

A figura materna dá início à constituição psíquica da criança, na medida em que instaura significantes em sua superfície corporal e, ao mesmo tempo, a insere na dimensão do discurso, através de movimentos alternados de presença e ausência, que provocam respectivas sensações de prazer e desprazer no infante. Segundo Pizutti (2012),

“A pulsão é sempre relacional porque a excitação corporal, que provoca mal-estar, só pode ser aliviada através do “outro”, que é capaz de nomear a fonte, direcionar a força pulsional em direção ao objeto. Neste sentido, a estruturação psíquica de um bebê só se dá a partir de um determinado momento, ao ser inscrito pelo desejo da mãe, pela linguagem. Assim a mãe oferece a essa criança a oportunidade de existir, ou seja, de ser sujeito” (Pizutti, 2012).

Dessa forma, é possível concluir que o desejo materno direcionado ao bebê é considerado um precursor da constituição psíquica, e isto acentua a importância do fator relacional para que um indivíduo consiga se estruturar psiquicamente. Antes mesmo do nascimento da criança, já existe um desejo parental de que o filho ou a filha nasça, por exemplo, com determinadas características ou com um determinado nome, e essas fantasias parentais irão constituir a base do narcisismo primário do infante, que, ao nascer será tratado como “sua majestade, o bebê” e acreditar ser completo e onipotente, detentor de todo o amor parental. Neste período, as figuras parentais acabam revivendo seu próprio narcisismo e, com isso, procuram evitar que o bebê passe pelas mesmas

frustrações que eles vivenciaram quando eram crianças. De acordo com Freud (1914),

“O amor dos pais, tão comovedor e, no fundo, tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior” (Freud, 1914).

A figura materna, portanto, não só enxerga o bebê como um objeto de desejo, mas também o investe e o estrutura através de seus cuidados, permitindo sua sobrevivência. Através de repetidas experiências de prazer e desprazer pelas quais a criança passa, bem como repetidas experiência do retorno do objeto primário para aplacar o mal-estar sentido em momentos de angústia e de desconforto físico ou emocional, traços mnêmicos começam a ser registrados no psiquismo do bebê, o que constituirá a base para que o aparelho psíquico se torne um local onde representações se associam e traçam comunicações umas com as outras. Pizutti (2012) exemplifica esta ideia ao dizer:

“É, então, pela demanda de amor, ou seja, pela falta, que a mãe, aplacando o mal-estar sentido pelo nascente pela fome, registra neste uma marca. A partir dessa ocorre o registro de imagens mnêmicas, associadas umas às outras, que vão formar os traços mnêmicos, os traços de memória” (Pizutti, 2012).

Sendo assim, ao mesmo tempo em que o aparelho psíquico encontra-se aberto a novas inscrições, ele também possui uma tendência natural à repetição - ou devido ao fato de essas experiências terem sido prazerosas, ou devido ao fato de as mesmas precisarem de uma melhor elaboração, caso tenham sido traumáticas para o sujeito. A linguagem da figura materna é fundamental para o entendimento da criança acerca da situação pela qual passou, pois, dependendo do modo como o objeto primário irá se portar, o infante poderá apreender a experiência de uma forma prazerosa ou desprazerosa, elaborada ou traumática.

Cada sujeito irá internalizar suas experiências primárias com a figura materna de uma forma diferente. O que há em comum é o aspecto da demanda, uma vez que o que a criança demanda é o cuidado, a atenção, o amor e o bem-estar provindos de seu objeto primário, e também o desejo futuro de se direcionar a objetos ou situações que suprirão o vazio deixado pela falta da figura materna. Dessa forma, para que o sujeito se sinta completo, ele irá buscar outros objetos

que servirão como “substitutos” ao primeiro. O aspecto mais importante a ser apreendido dessa lógica é a ideia de que a figura materna, através dos seus cuidados, irá permitir que a criança metaforize sua realidade, fundando, através do seu discurso, o “Outro” simbólico no sujeito (Pizutti, 2012).

O corpo possui um papel fundamental no que diz respeito ao contato do bebê com suas experiências primárias, uma vez que é através da dimensão corporal que o sujeito, principalmente nesta fase pré-verbal, interage com os objetos do mundo externo - incluindo sua figura materna - e também com seu próprio corpo, num movimento contínuo de exploração e comunicação. Este movimento permite que, através da sensorialidade, o bebê registre, tanto em seu corpo, quanto em seu psiquismo, marcas simbólicas dessas vivências primárias, que servem de base à constituição da imagem inconsciente do corpo. Corpo e psiquismo, portanto, estariam interligados e influenciariam-se mutuamente no processo de desenvolvimento subjetivo.

2.2. O conceito de corporeidade e sua ligação com experiências primárias

Sigmund Freud foi um dos principais autores a articular teorias acerca da relação existente entre corpo e psiquismo, distanciando-se do dualismo corpo/mente, e entrando em campos de estudo onde tais instâncias apresentam-se, não somente atreladas uma à outra, mas também em uma relação de parceria, que serve de base ao processo de constituição psíquica.

A partir de sua teoria da sexualidade (1905) e também dos estudos sobre a histeria (1893), Freud inicia uma revolução na concepção de corpo, que antes era visto a partir de um viés meramente biológico, e depois passa a ser concebido a partir de um viés erógeno, inserido na linguagem, no campo do simbólico e da representação. Em seus estudos com as histéricas, Freud observou que o sintoma afeta diretamente o campo somático e que o mesmo tem origem em um desejo infantil inconsciente e de ordem sexual. Ou seja, o sintoma surgiria em decorrência de um conflito entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, no papel de formador de um compromisso entre essas duas instâncias pulsionais. O que sobressai nessa situação é a expressão de um conflito psíquico

através do uso do corpo como uma superfície onde representações inconscientes podem surgir se constituir como linguagem não-verbal. A partir das observações dos casos de histeria, Freud pôde reposicionar estudos pré-existentes acerca do dualismo entre corpo e mente que é negado pela ideia de corporeidade.

De acordo com Lazzarini e Viana (2006), há um elemento importante no entrelaçamento desses estudos, no que diz respeito à passagem do corpo autoerótico e fragmentado (Freud, 1905) para o corpo unificado pelo narcisismo (Freud, 1914), abrindo espaço para o conceito de pulsão (Freud, 1915), que mais tarde desembocará na criação da segunda tópica e do surgimento do eu corporal (1923).

Em seu livro “A imagem do corpo: as energias construtivas da psique”, Paul Schilder enfatiza o conceito de libido narcisista, adotado primeiramente por Freud. Nessa fase do desenvolvimento, a criança se interessa majoritariamente pelo seu próprio corpo e por investir libidinalmente em si mesma, perdendo, assim, boa parte do seu interesse pelo mundo externo. Depois do narcisismo primário, surge a fase autoerótica, onde a libido é concentrada em regiões do corpo que têm significação erógena especial (Schilder, 1999). A criança, durante essa fase, também valoriza sua atividade motora e as sensações provenientes da pele. Com o passar do tempo, o mundo externo adquire uma maior importância e passa a ser cada vez mais incorporado na realidade da criança. O narcisismo é visto, portanto, como um grande reservatório libidinal que empresta parte de sua energia para os objetos externos.

Outro ponto importante trazido por Schilder (1999) é o fato de que os impulsos sádicos, existentes naturalmente no infante, são aqueles que tentam dominar o objeto de amor e infligir-lhe dor. O indivíduo pode, entretanto, se identificar com o objeto e tornar-se sádico contra si mesmo (nesse caso, torna-se masoquista). Como existe uma tendência do sujeito a se identificar com o objeto de amor, haverá sempre tendências masoquistas e sádicas (Schilder, 1999). Ainda segundo o autor, caso essas tendências libidinais não tentassem preservar a unidade do organismo, o indivíduo caminharia para a morte.

Os conceitos de sadismo e masoquismo podem trazer consigo uma ideia atrelada a impulsos agressivos. A agressividade, por sua vez, é uma tendência egoica natural, que aparece nas fases primitivas do desenvolvimento infantil. Esse impulso, considerado um impulso destrutivo, pode ser dirigido contra nós próprios

ou contra os outros, mas tais tendências não almejam um fim e não visam a morte; a partir delas, é possível que o ego se direcione para novas construções (Schilder, 1999).

A relação encontrada entre o narcisismo e a imagem corporal é o fato de que qualquer libido ou energia dos desejos do ego só podem aparecer em conexão com um objeto (Schilder, 1999). A libido narcisista, segundo o autor, tem como objeto a imagem do corpo, e nós percebemos nosso corpo da mesma forma que percebemos os objetos do mundo externo. Ainda de acordo com Schilder (1999), corpo e mundo, para um recém-nascido, são experiências interconectadas. Não há a possibilidade de um existir sem o outro. Conforme o indivíduo vai amadurecendo e se torna um adulto, o corpo começa a ser projetado no mundo, e este será introjetado no corpo (Schilder, 1999). Portanto, essa experiência de interconexão é algo que se mantém intacto ao longo do tempo. O autor menciona uma “zona de indiferenciação” entre corpo e mundo para explicar esse processo de interconexão de experiências e, na fase narcisista, essa zona parece adquirir um papel ainda mais importante.

Em relação à estruturação do esquema corporal, é possível afirmar que as zonas erógenas possuem um papel essencial ao longo desse processo de desenvolvimento. Por exemplo, durante a fase oral, a imagem corporal (ou esquema corporal) estará centrada na boca e, durante a fase anal, estará centrada no ânus (Schilder, 1999). O fluxo libidinal, por sua vez, que está diretamente atrelado aos processos estimulativos dessas zonas erógenas, exercerá grande influência sobre a imagem corporal. Além disso, ações como agarrar, apalpar, sugar e todas as demais ações do ego perceptivo também exercem forte influência sobre a estruturação da imagem do corpo. A construção do esquema corporal, portanto, é composta de interações contínuas entre tendências egoicas e libidinais (Schilder, 1999).

Enquanto na fase do autoerotismo as zonas erógenas encontram-se em uma forma fragmentada e desorganizada, em uma fase narcísica posterior, este corpo começará a adquirir uma forma mais bem delineada e unificada, trazendo ao sujeito uma percepção mais aprimorada de sua imagem corporal. É importante frisar, entretanto, que essa ordenação só será possível caso exista um Outro capaz de antecipar essa unidade corporal. Segundo Birman (1999),

“a resultante dessa operação é a construção do eu e do corpo unificado que são as duas faces da mesma realidade, pois para o sujeito a experiência de ter e ser eu implica para ele habitar um corpo unificado. A condição de unificado remete à noção de ser um, uno, eu, matéria, corpo que se inscreva no espaço e no mundo” (Birman, p. 35).

A constituição do Eu, portanto, se definiria principalmente pela unificação do corpo na presença do olhar do Outro (Lazzarini e Viana, 2006). Esse olhar oferecido pelo Outro, entretanto, constitui-se como um olhar narcísico e idealizante parental, uma vez que as figuras parentais irão reviver sua própria história narcísica ao olhar para o bebê e esperar que ele alcance os resultados que elas não alcançaram ou que se torne a pessoa que elas não puderam ou não tiveram a oportunidade de se tornar. Embora a criança receba todas essas influências provindas das idealizações parentais, estas são fundamentais para que sua constituição psíquica adquira uma primeira base estrutural, um ponto do qual irá partir. Posteriormente, o sujeito poderá se identificar e perseguir tais idealizações ou, por outro lado, se rebelar contra as mesmas ou simplesmente seguir diferentes caminhos. Tudo depende do modo como o indivíduo irá absorver esses ideais parentais. De acordo com Lazzarini e Viana (2006),

“A perda dessa posição idealizada sustentada pelo olhar dos pais faz com que o sujeito fique marcado pela angústia correspondente. Por outro lado, todo esse processo acaba por implicar o rompimento do sujeito com a alienação narcísica e a possibilidade de sua inscrição na alteridade, passando a estar apto a reconhecer a existência de outros ideais além daqueles regidos pelo seu narcisismo” (Lazzarini e Viana, 2006).

O conceito de pulsão (Trieb), designado por Freud como um conceito fundamental, ilustra perfeitamente o tênue limite existente entre os campos psíquico e somático. De acordo com Assoun (1995), “o corpo não é causa de nada, nem da pulsão, nem do prazer de órgão, mas sem a corporeidade nada seria possível” (p. 182). Lazzarini e Viana (2006) complementam essa ideia, dizendo que o registro psíquico não seria referente apenas a algo da ordem da idealidade, mas também a algo atrelado às pulsões, as quais, por sua vez, se mobilizam em um corpo que não se identifica com o conceito biológico de somático.

Em sua obra “O ego e o id”, Freud (1923) explicita a ideia de que “o Eu é, sobretudo, um Eu corporal” e que ele próprio é a projeção mental da superfície do

corpo, além de representar as superfícies do aparelho mental. Dessa forma, corpo e psiquismo estariam diretamente interligados, um servindo como base para a constituição do outro. Entretanto, existem algumas exigências para que a apreensão do corpo pelo sujeito aconteça. Elia (1995) explicita isso, ao dizer que:

“A apreensão do corpo pelo sujeito exige, contudo, que uma nova operação tenha lugar. Esta operação, pela qual o corpo é subjetivado, é da ordem do imaginário, na medida em que depende do investimento de uma imagem – a imagem do corpo” (Elia, pp. 152 –153).

Na ausência desta operação imaginária, regida pelo simbólico, o corpo torna-se uma exterioridade estranha e desconhecida para o sujeito, sendo sua apreensão impossível de se realizar. Sem esta subjetivação, ocorre uma falta de identificação com o próprio corpo.

De acordo com Coelho Junior (2010), a “corporeidade” é definida como:

“[...] um tecido material e energético, móvel e instável, movido por forças pulsionais, em sua remissão aos objetos e marcado por interferências de intensidades internas e externas, constituindo um campo de forças e protossentidos” (Coelho Junior, 2010).

De uma forma mais simplificada, o autor propõe pensar no conceito de corporeidade como uma alternativa para designar um campo específico de experiências sensoriais, afetivas e significantes, mesmo que protossimbólicas.

Em suas conceituações, Ogden (1982) propõe a ideia de posição autista contígua, que está relacionada a um modo específico de atribuir sentido à experiência, na qual dados sensoriais predominam na formação de conexões pré-simbólicas entre diferentes impressões sensoriais, gerando superfícies com fronteiras e delimitações (Coelho Junior, 2010). Para Ogden, a posição autista-contígua é uma experiência da sensorialidade, da superfície da pele, e se apresenta como o mais rudimentar meio de criação de sentido psíquico e, conseqüentemente, da experiência de Self. Essa experiência, entretanto, não acontece sem um Outro que ofereça ao bebê essas vivências sensoriais, através do toque, do manejo, do tom de voz, do direcionamento do olhar, dentre outros estímulos que podem ser captados através dos sentidos.

Coelho Junior (2010) faz uma referência à relação paciente-analista e à ideia de corporeidade contida nessa relação, onde processos transferenciais e contratransferenciais são vividos e sentidos pela díade e se expressam também na dimensão corporal. Assim como é necessário pensar na corporeidade do analista em suas respostas à corporeidade do paciente, no que se refere a experiências de sonolência, de tédio, de desejo sexual, de tristeza, de raiva, dentre outros, também é válido transferir essa ideia de corporeidade direcionada a um outro sujeito para a relação mãe-bebê discutida anteriormente, onde a figura materna, pela função especular que a torna adaptável às necessidades do infante, consegue estabelecer uma comunicação corporal com a criança, comunicação está voltada mais para a dimensão do afeto do que para a da necessidade fisiológica expressa pelo bebê. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a ideia de corporeidade está atrelada ao âmbito interno, ligada às pulsões e às representações inconscientes, ela está também atrelada ao âmbito externo, ligada à relação do sujeito com outras pessoas.

No momento inicial da vida, onde o bebê encontra-se na fase de separação do corpo da figura materna, através de processos identificatórios primários, o que surge neste momento são as marcas corporais, que, segundo Coelho Junior (2010),

“Não são imagens nem representações, mas operações que deixam marcas e cicatrizes no "corpo identificado", constituindo-se, talvez, como a base para o que já se denominou como "memórias corporais" (Coelho Junior, 2010).

Estas memórias corporais, que permanecem atreladas ao sujeito ao longo da vida, são atemporais e marcam presença, tanto no passado, quanto no presente, além de necessitarem de um Outro que as inscreva e as signifique no corpo da criança. A partir das teorizações de Freud, tornou-se possível pensar na simultaneidade das dimensões internas (pulsões, Id, percepções endopsíquicas) e das dimensões externas (realidade, contato com outras pessoas, percepção externa).

É importante enfatizar que essa simultaneidade existente entre as dimensões internas e externas ocorrem dentro de um espaço-tempo que inicia em tempos precoces e exerce uma continuidade ao longo da vida do sujeito. Tais vivências sensoriais precoces são marcadas por um alto grau experiências simbólicas, levando em consideração que, nesta fase da vida, o bebê se comunica

e recebe informações com/do ambiente através de sua superfície corporal, uma vez que o domínio da linguagem verbal ainda não está presente.

De acordo com Fontes (2010), a condição de fundamento do afeto e do pensamento é muitas vezes atribuída à sensorialidade ou ao “período sensível” dos tempos precoces. Uma vez que, na atualidade, o espaço psíquico encontra-se cada vez mais ameaçado, é compreensível que as experiências sensoriais se tornem ainda mais evidenciadas. Cada sujeito “marca” seu corpo de um modo individual, segundo as impressões de sua infância precoce (Fontes, 2010). Essas experiências são marcadas no corpo, pois elas não podem ser rememoradas pela linguagem, ou seja, pelo discurso do indivíduo, uma vez que elas foram impressas em um registro sensorial. Entretanto, a possibilidade de ligar corpo e afeto, através da sensorialidade, promove o acesso à representação e à linguagem.

Ainda segundo Fontes (2010), “o corpo é testemunha de todas as circunstâncias vividas pelo indivíduo. Ele não esquece e mantém a memória do acontecimento”. Freud (1969) também enfatiza esta ideia, ao dizer “não se discute o fato de que as experiências dos primeiros anos de nossa infância deixaram marcas indeléveis nas profundezas de nossas mentes”. Isso significa que o corpo registra, principalmente nos nossos primeiros anos de vida, tanto as experiências agradáveis, quanto as experiências desagradáveis, e essas memórias sensoriais adquiridas nas vivências precoces constituem o modo como o sujeito irá se relacionar com sua dimensão corporal dali em diante. Ademais, é por meio das manifestações corporais (sintomas, gestos, posturas, e etc) que é possível fazer associações e construir significados, da mesma forma que sentidos são produzidos clinicamente, no trabalho com crianças, através de jogos e brincadeiras.

Um outro ponto interessante que é possível observar nessas manifestações corporais é o aspecto da repetição. Isso porque, quando uma impressão é registrada na memória sensorial, é possível que, através do fenômeno da transferência, esses mesmos registros sensoriais sejam (re)experimentados em situações futuras, segundo uma cadeia de associações que, na verdade, remetem a experiências primitivas. A transferência remete a uma reprodução das sensações anteriormente experimentadas, entretanto, o que se repete é um conteúdo, não somente recalado, mas também registrado sob a ordem da sensorialidade. Fontes (2010) explica essa ideia, ao dizer:

“É algo que se manifesta bruscamente, por meio do aparelho visual, auditivo, olfativo etc., quase como uma alucinação, oferecendo as condições de um retorno do material inconsciente não somente recalcado, mas registrado numa outra ordem – a ordem do sensorial. A transferência fornece a possibilidade de repetição, mas o que é repetido nessas circunstâncias são fragmentos de sensações, mais do que representações recalçadas” (Fontes, 2010).

Em “Inibição, Sintoma e Angústia”, Freud (1926) enfatiza que há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a “cisão” do ato do nascimento nos permite acreditar. Os registros sensoriais precoces que acontecem durante esse intervalo de tempo permanecem presentes dentro de cada indivíduo e podem retornar de diferentes formas. Esses estados de sensações originais possuem uma grande importância para o desenvolvimento da imagem do corpo e do sentido de self (Fontes, 2010).

Tustin (1990) observou, através de seus estudos com pacientes autistas, que uma das mais precoces angústias existentes é a angústia de esvaziamento. Aqui, o que está presente é o medo da dissolução, do derramamento. Tendo em vista que o corpo é sentido pelo bebê como líquido - ou, em alguns casos, até mesmo gasoso -, existe um terror de não possuir um envelope que contenha todo esse conteúdo, o que, em último grau, leva o bebê a sentir um medo do esvaziamento, do aniquilamento existencial. Partindo de um exemplo das drogadições, o alcoolismo pode ser considerado uma tentativa de forjar uma sensação interna de preenchimento, de consistência, que permite que o sujeito tenha a sensação de que seu corpo é volumoso e consistente o suficiente para assegurar uma existência,

De modo geral, é possível dizer que o psiquismo tem origem nas sensações primordiais e, ao longo desse processo, é essencial que o sujeito adquira um senso interno de que ele possui um corpo capaz de conter tais sensações. De acordo com Fontes (2010), é possível que, nessa fase onde a criança sente o próprio corpo como sendo líquido ou gasoso, ocorra um receio de que ela exploda ou vaze através dos orifícios corporais. De acordo com Anzieu (1989), essa seria uma angústia de esvaziamento, e não de fragmentação, uma vez que o receio é que este envelope seja perfurado, de forma que todo o conteúdo ali presente escoie pelos “buracos”.

No ato da amamentação, por exemplo, o que o bebê deseja não é apenas nutrir sua necessidade física (fome) e beber o leite proveniente do seio materno, mas também receber dessa figura materna um olhar atencioso e carinhoso. Além disso, a amamentação é feita através de trocas entre a mãe e o bebê e exige cuidados especiais quanto ao ritmo e ao manuseio. A mãe precisa servir como um envelope que contorna a pele do bebê e que impede que este se sinta “esburacado”. Em estados primitivos, a criança precisa sentir que há alguém pronto a receber seu transbordamento (Fontes, 2010).

O bebê apenas adquire um primeiro senso de existência enquanto unidade psíquica quando ele reconhece sua separação física em relação à figura materna. De acordo com Tustin (1990), “sair da unidade dual para perceber a existência e de um não eu é a trajetória inicial para o desenvolvimento de um psiquismo”. Essa experiência de reconhecimento da separação física do bebê em relação à figura materna é relevante, pois ela está associada à passagem do ego corporal para a construção do ego psíquico. Ou seja, a partir do reconhecimento da separação física, o bebê começa a se conscientizar de que ele próprio possui um corpo individual e, conseqüentemente, de que ele também possui uma dimensão psíquica única e separada da de outros objetos.

Embora seja importante que o bebê reconheça-se como um ser separado fisicamente do ambiente, é inegável o papel que o meio possui para o seu desenvolvimento. O bebê possui uma individualidade própria, mas, principalmente nos períodos iniciais da vida, ele se encontra em dependência do ambiente externo para poder sobreviver; e não apenas isso, mas também para começar a se reconhecer como sujeito, dentro de suas estruturas psíquicas, físicas e emocionais. Dessa forma, será mostrado no capítulo seguinte como que o ambiente é capaz de servir como um espelho que permite o desenvolvimento maturacional do sujeito e também o reconhecimento que este terá acerca de sua própria imagem.

3. O Outro visto como espelho e a possibilitação de diferentes entrelaces entre as imagens da dimensão corporal

Conforme visto anteriormente, o ambiente possui um papel fundamental para o desenvolvimento psíquico e corporal do bebê. Este papel não estaria apenas atrelado ao cuidado físico que os cuidadores teriam em relação ao infante, mas também à função especular que teria como objetivo refletir ao sujeito sua própria imagem. Dessa forma, ao olhar para o rosto da figura materna, o bebê teria a experiência de ver sua imagem refletida ali. Futuramente, ao olhar para si mesmo, o sujeito possuiria a tendência de ver o seu reflexo da mesma forma como sua imagem lhe foi apresentada pelos cuidadores, especialmente pelo objeto primário, e ocorreria um resgate dos registros sensoriais e psíquicos atrelados à tal experiência. A relação que o sujeito estabelecerá consigo mesmo (narcisismo secundário) e com sua imagem, portanto, está totalmente ligada aos significados transmitidos pelo objeto materno acerca da imagem da criança e aos cuidados e afetos direcionados ao corpo desta.

A palavra “imagem”, entretanto, possui significados distintos no que diz respeito ao corpo. No capítulo anterior, foi apresentado o conceito de imagem inconsciente do corpo, que remete ao modo como o corpo é psiquicamente percebido pelo sujeito, a nível individual e histórico. Neste capítulo será apresentado o conceito relativo ao esquema corporal ou imagem corporal, que remete ao corpo físico representativo da espécie humana.

A função especular do Outro possui um papel significativo para a dinâmica que será traçada entre esquema corporal e imagem inconsciente do corpo, podendo esta dinâmica ter um resultado funcional, ou seja, que permita que o sujeito adquira uma relação saudável com seu corpo e com sua autoimagem, ou não - caso a função especular se apresente à criança de forma deficiente ou descuidada.

3.1. A função do olhar especular do Outro a partir da distinção entre os conceitos de esquema corporal e de imagem inconsciente do corpo

A distinção apresentada por Dolto (1984) acerca dos conceitos de esquema corporal e de imagem inconsciente do corpo permitem uma melhor reflexão no que diz respeito à função especular exercida pelo Outro no início do desenvolvimento infantil, a partir das teorizações feitas por Winnicott (1967 [1975]), no texto “*O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil*”. Neste texto, o autor apresenta a ideia de que o precursor do espelho é o rosto da mãe e explicita as funções primordiais que o ambiente deve ter para que um desenvolvimento maturacional saudável no bebê ocorra.

Dentro da distinção entre esquema corporal e imagem inconsciente do corpo, Dolto (1984) apresenta a ideia de que o esquema corporal seria representativo do corpo físico, da superfície corporal, e seria o mesmo para todos os seres humanos, ligado a uma noção de espécie. Este esquema corporal é, em parte inconsciente, mas predominantemente pré-consciente e consciente. A imagem inconsciente do corpo, por outro lado, constituir-se-ia como uma representação pessoal que o sujeito possui acerca do seu esquema corporal, ou seja, o modo como o corpo é psiquicamente percebido pelo sujeito. Enquanto o esquema corporal está ligado à concepção de espécie humana, a imagem corporal está ligada à história individual de cada pessoa, e esta imagem inconsciente do corpo é eminentemente inconsciente, embora ela possa se tornar em parte pré-consciente e consciente quando associada à linguagem consciente (mímicas e linguagem verbal).

Ademais, a imagem inconsciente do corpo é composta de experiências emocionais, vividas através de sensações erógenas arcaicas ou atuais. De acordo com Dolto (1984), esta imagem pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante, antes mesmo que o sujeito possa se designar como Eu. Dessa forma, a imagem inconsciente do corpo, refere-se à memória inconsciente das vivências relacionais primárias e, ao mesmo tempo, é também atual, narcísica e interrelacional. Segundo a autora, “[...] é na imagem do corpo, suporte do narcisismo, que o tempo se cruza com o espaço, e que o passado inconsciente ressoa na relação presente” (Dolto, 1984). A comunicação realizada

entre o sujeito e outras pessoas é apenas possível graças ao cruzamento entre imagem inconsciente do corpo e esquema corporal.

Enquanto o esquema corporal estrutura-se através da aprendizagem e da experiência, a imagem inconsciente do corpo se estrutura pela comunicação e pela memória inconscientes, pelo gozar frustrado e pela castração. A imagem do corpo, portanto, é constituída pela articulação de uma imagem funcional e de uma imagem das zonas erógenas onde se expressa a tensão das pulsões.

A autora considera importante frisar que um indivíduo que possua um esquema corporal defeituoso ainda assim poderá construir uma imagem sã a seu respeito. Entretanto, essa construção só será bem sucedida caso os cuidadores despertem na criança seu potencial criador. Portanto, é viável supor que a imagem do corpo é primordialmente estruturada pela relação inter-psíquica estabelecida sobretudo com a figura materna. A criança será marcada corporalmente através do contato com o objeto primário, o qual fará com que determinadas zonas erógenas prevaleçam sobre outras e com que a constituição psíquica tenha início, a partir dos significantes inscritos no corpo do infante. Ao contrário do esquema corporal, a imagem inconsciente do corpo está mais atrelada à esfera do desejo do que da necessidade.

Deste modo, no momento em que não há um adulto cuidador presente em uma cena onde uma nova experiência sensorial aconteça na criança, isto dirá apenas respeito ao esquema corporal; isto porque a imagem inconsciente do corpo pressupõe uma comunicação com o Outro, que será posteriormente elaborada pelo sujeito. As relações introjetadas que o infante estabelece com o Outro permitirá ao sujeito uma relação narcísica consigo mesmo (narcisismo secundário), a partir dos cuidados que ele próprio recebeu na infância e dos respectivos significados atrelados a essas experiências primárias. Portanto, a forma como a criança irá cuidar e lidar com seu corpo dependerá do modo como seu corpo foi cuidado pela mãe. A introjeção de um cuidado materno, por exemplo, permite que a criança se automaterne. Qualquer interrupção da relação e da comunicação com a mãe pode ter efeitos dramáticos.

O esquema corporal e a imagem inconsciente do corpo entram em contato quando, por exemplo, a criança se encontra em uma situação de dor ou prazer e as palavras de um Outro surgem para humanizar, sintonizar e simbolizar tais percepções. É por meio da linguagem corporal que os desejos podem se organizar

na imagem do corpo e que as lembranças passadas podem afetar zonas do esquema corporal, tornadas zonas erógenas, ainda que o objeto não esteja mais ali (Dolto, 1984). Caso haja uma falha nessa comunicação entre sujeito e Outro, ocorre uma debilidade na criança, uma vez que sua imagem do corpo não recebe uma mediação linguageira e, conseqüentemente, uma simbolização. Esta debilidade decorre de palavras que nunca foram ditas ao sujeito em um momento que ele precisava escutar e que pudesse dar significado à sua experiência ou então de palavras que foram ditas sem valor emocional verídico, isentas de carga afetiva, meros ruídos reduzidos à dimensão de esquema corporal. Como resultado disso, há uma retirada do sujeito para si mesmo, juntamente com o estabelecimento de um código de linguagem que parece ser delirante, na perspectiva da autora.

Paralelamente às conceituações realizadas por Freud (1920) em *Além do princípio do prazer*, Dolto (1984) apresenta a ideia de que as pulsões de vida, assim como a imagem inconsciente do corpo, são sustentadas pelo desejo do sujeito de se comunicar com um outro sujeito, por meio de um objeto parcial (boca, por exemplo). As pulsões de morte, por outro lado, podem prevalecer no infante quando a figura materna o trata como um objeto de cuidados, porém sem se comunicar com a *pessoa* do bebê. Daí decorre a importância do objeto materno, que se expressa, não apenas por uma linguagem verbal, mas também por uma linguagem gestual, rítmica. É a figura materna que, através das suas palavras e das suas atitudes, tornará suportável a ausência de um objeto ou a não satisfação de uma demanda de prazer parcial, reconhecendo como válido o desejo do sujeito e a conseqüente denegação de sua satisfação.

Na visão de Lacan (1949), o corpo da criança, ao ser atravessado pela linguagem provinda do Outro, oferece lugar ao sujeito na ótica do desejo. Essa relação especular estabelecida com o objeto primário é fundamental para a formação do inconsciente no sujeito; isto porque, para o autor, é necessário que a palavra ultrapasse o campo do real e inscreva no corpo os significantes que irão nomeá-lo como sujeito, criando, assim, traços de memória, que significarão o sujeito através da repetição.

Ainda segundo Lacan (1949), existem dois momentos na constituição do sujeito no estádio do espelho: em um primeiro momento, acontece uma alienação recíproca, onde há uma fusão do bebê com a figura materna. Em um segundo

momento, é necessário que esse mesmo bebê se veja separado da figura materna, eleja um outro objeto de satisfação e se reconheça a partir do espelho como um sujeito diferente dela. As significações dadas por este objeto primário possibilitarão o processo de constituição psíquica no sujeito. Isso significa que, diante dos estímulos produzidos pelo bebê, é necessário que a figura materna atribua um significado ao choro ou aos gritos da criança, por exemplo, e ofereça uma interpretação para tais estímulos, procurando satisfazê-los o quanto antes. É preciso que este objeto primário perceba o bebê como um sujeito desejante, capaz de lhe endereçar uma mensagem, na esperança de que esta seja atendida o mais rápido possível. Por meio da fala e dos gestos da figura materna, serão produzidas marcas no corpo do infante, de forma que o Outro consiga inscrever significantes, unindo corpo e linguagem em uma só dimensão. Como consequência, este processo despertará o desejo na criança, que procurará repetir situações para que diferentes significados sejam atribuídos às mesmas.

No artigo “*O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*”, Winnicott (1967), inspirando-se na obra escrita por Lacan (1949) acerca do estágio do espelho, procura reformular a noção de “espelho”, vendo-a, não mais como uma imagem de um espelho concreto e inanimado, mas em termos da expressividade do rosto materno e da adaptação da figura materna às necessidades físicas e afetivas do bebê. Sendo assim, a presença da mãe ganha uma importância concreta, ao contrário da virtualidade produzida no espelho a partir de uma imagem projetada em um objeto inanimado.

De acordo com Socha (2008), a partir de uma revisão do artigo de Winnicott (1967), a função especular, neste caso, não estaria a serviço do Eu, mas sim à integração do self, da própria unidade de si, antecessora à organização de uma representação imagética do sujeito. O espelho winnicottiano seria, então, para o autor, o precursor do espelho lacaniano. Ou seja, a imagem que o sujeito verá ao se olhar no espelho concreto e a forma como irá lidar com tal imagem é em grande parte influenciada pelo que ele viu anteriormente ao olhar o rosto de sua figura materna.

Dessa forma, torna-se evidente a importância do rosto materno para o desenvolvimento maturacional da criança; isto porque o rosto materno, em sua expressividade afetiva, sustenta o olhar do bebê e o devolve a si mesmo (Socha, 2008). A criança percebe sua existência sendo confirmada ao se sentir vista e

reconhecida pelo objeto primário. A função especular oferecida pelo objeto materno permite que o sujeito reconheça sua existência como sendo única e singular, e o cuidado oferecido pelo objeto primário é fundamental para que tal reconhecimento ocorra. Tal cuidado não se refere somente ao manejo das necessidades fisiológicas da criança, como num ato de enfermagem (alimentação, higiene, e etc), mas sim a um acolhimento afetivo por parte da figura materna. Através da afetividade e da adaptação ao bebê a figura materna se tornará um espelho sonoro da criança (Socha, 2008). A melodia vocal, o ritmo, os gestos e o manejo provindos da figura materna, por exemplo, irão suscitar no infante uma relação de confiança com ela, que será vista como um ambiente adequado às suas necessidades. Por meio desta relação de confiança estabelecida entre a criança e seu objeto primário, o sujeito encontrará recursos suficientes para constituir-se como sujeito, para explorar diferentes ambientes e situações e, assim, desenvolver-se e integrar-se psiquicamente.

É importante levar em consideração que nem sempre essa função especular materna ocorre de maneira adequada e adaptada às necessidades do infante. Ela depende exclusivamente da habilidade do objeto primário de identificar o que o bebê necessita e acolher esta necessidade da forma mais sensível possível. O fracasso da função especular materna pode ocorrer de diversas formas, entretanto, o que há em comum entre elas é o fato de que todas deixam marcas no processo maturacional. Socha (2008) propõe três modos possíveis de se haver esse fracasso: através da inexpressividade; da intrusividade; e da impessoalidade. O primeiro caso se refere à voz materna que possui uma grande dificuldade de se aproximar da fala infantil, afastando-se do caráter melodioso da voz materna e fazendo restar apenas ruídos sonoros, atrelados a um estado depressivo ou maníaco do objeto primário, por exemplo. O segundo caso refere-se à situação de excesso de intrusão no ambiente e a privação de um silêncio comunicativo. A voz intrusiva é aquela que se impõe à criança, sem levar a pessoa do bebê em consideração. Isto acontece quando certas atitudes maternas prestam-se mais ao entorpecimento e ao suborno do que ao ato de tranquilizar o bebê. Finalmente, a impessoalidade da voz também pode provocar o fracasso da função especular, uma vez que, nela, a criança não encontra indícios da subjetividade materna na sua voz. Ou seja, a mãe fala sobre o bebê, e não para o bebê.

Em um primeiro momento da vida, tendo em vista que o infante ainda não possui um canal de comunicação verbal bem desenvolvido para se referir ao Outro, as estratégias das quais o bebê se utiliza para manter este contato interrelacional com a figura materna é através de seus sentidos mais primários, de suas zonas erógenas, de sua dimensão corporal. Sendo assim, a noção de corporeidade adquire um importante papel para o entendimento da constituição psíquica, uma vez que o Eu se constitui, primeiramente, a partir da superfície corporal.

3.2. O corpo visto sob a perspectiva de Paul Schilder

De acordo com Paul Schilder (1999), em sua obra “A imagem do corpo: as energias construtivas da psique”, a imagem do corpo humano seria a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual nosso corpo se apresenta para nós (1999), de maneira individual e pessoal. Além disso, o autor relata existir a experiência imediata de uma unidade do corpo. Essa unidade é chamada de esquema corporal ou modelo postural do corpo. O esquema do corpo seria, portanto, a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos (Schilder, 1999) e seu desenvolvimento se dá, em grande parte, paralelamente ao desenvolvimento sensório-motor. Ademais, o desenvolvimento de nossa imagem corporal (ou esquema corporal) tem uma estreita relação com o modo como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas ao nosso redor. Portanto, a experiência visual tem uma grande relevância dentro desse contexto, uma vez que, através da observação, conseguimos processar uma série de dados importantes para a configuração de nosso esquema corporal. Nosso eu corporal, contudo, adquire uma forma final mais bem delimitada conforme vivenciamos nossas experiências através da ação, ao invés de nos portarmos como receptores passivos dos estímulos e impressões que captamos do mundo externo.

A pele é vista pelo autor como um invólucro que permite que a nossa superfície corporal e outros objetos não se toquem diretamente, não se fundam um ao outro. Sendo assim, a pele separa o corpo de outros objetos externos e também é um meio através do qual podemos interagir com o mundo ao nosso redor, através das nossas sensações e percepções. Ao mesmo tempo, uma reflexão interessante seria pensarmos que, ao mesmo tempo em que a pele nos separa

psicologicamente do objeto, este é capaz de produzir sensações em nossa superfície corporal que nos permite perceber melhor os nossos limites, as nossas fronteiras e quais sensações somos capazes de sentir através do contato com tal objeto. Ou seja, a partir dele, conseguimos ter um melhor conhecimento acerca de nosso esquema corporal.

De acordo com Schilder (1999), a parte da pele que está esticada sobre os ossos é sentida de maneira distinta dos orifícios, que se constituem como a parte mais importante de nosso corpo. Essas partes oferecem sensações muito particulares. Schilder (1999) acrescenta que, quando respiramos através de nossas narinas ou através da boca, sentimos o interior desses lugares. Quando o vento passa por orifícios como estes, nós os sentimos, não em seu ponto real, mas aproximadamente um centímetro para dentro do corpo. A zona sensível fica, portanto, a cerca de um centímetro do orifício, e não no orifício em si. Segundo o autor, “as zonas mais sensíveis do corpo estão próximas aos orifícios, mas um ou dois centímetros mais para dentro no corpo”. O fato de as zonas mais sensíveis do corpo se localizarem próximas aos orifícios podem oferecer algumas explicações sobre o motivo dessa questão do orifício, em alguns casos de *body modification/body piercing*, ser tão contemplada.

Segundo o autor, a importância psicológica de tais orifícios é o fato de que, através deles, conseguimos estabelecer um contato mais íntimo com o mundo. Por meio deles, ingerimos ar, alimento e etc e, também por meio deles, ejetamos urina, fezes e ar, por exemplo (Schilder, 1999). Então, os orifícios se constituem como canais através dos quais transitam diversos elementos que, de uma forma ou de outra, geram uma maior estimulação sensorial, uma vez que tais pontos são extremamente sensíveis a essas passagens de objetos ou elementos vindos do meio externo ou de dentro do corpo.

Devido ao fato de ser um órgão extremamente sensível e irritável, a pele produz determinadas sensações que fazem com que o indivíduo sinta uma vontade contínua de se tocar ou de fazer outras pessoas tocarem nela. Ademais, grande parte do nosso corpo é descoberto pelas mãos (Schilder, 1999).

Em relação à dor, Schilder (1999) explica que é dito que o mais importante, nesses casos, é a reação do organismo diante da dor. Entretanto, o autor nos atenta para o fato de que, em qualquer percepção, deve haver uma distinção entre o objeto percebido, a sensação ligada a essa percepção e a reação

da personalidade como um todo a esta percepção (Schilder, 1999). Além disso, quando sentimos dor, a qualidade do objeto perde consideravelmente sua importância e passamos a direcionar nossa atenção integralmente para a sensação da dor. Ao contrário do que foi falado anteriormente sobre a sensação de invólucro proporcionada pela pele, nesse momento da dor, sujeito e objeto se tornam tão próximos, que a diferenciação se torna difícil (Schilder, 1999).

O motivo pelo qual nossa atenção se volta inteiramente para a região do nosso corpo tomada pela dor é bastante instintivo e fisiológico; isto porque a dor significa um perigo para o organismo e os movimentos de reação à dor são uma tentativa de escapar de uma situação perigosa (Schilder, 1999). Portanto, quanto mais rapidamente agirmos e focarmos em dar um fim à dor que estamos sentindo, menos ameaçados nos sentiremos.

Partindo do sentido psicológico, o autor acredita que é possível que a concepção infantil de dor seja anterior à de perigo, e a criança costuma ver este último como algo que infligirá dor e quebrará a unidade e a imagem de organismo (Schilder, 1999). Uma vez que a parte do corpo onde a dor é sentida recebe toda a atenção, podemos supor que, nesses momentos, uma grande quantidade de catexia libidinal é direcionada e concentrada para e nesta área. O autor supõe que, quando sentimos uma dor, conseqüentemente, a estrutura libidinal do modelo corporal se modifica imediatamente, uma vez que, neste momento, todas as energias do corpo fluem para o órgão doente e o modelo postural do corpo fica sobrecarregado de libido narcisista na parte dolorida (Schilder, 1999). O órgão dolorido, neste dado momento, acaba assumindo um papel que geralmente é atribuído às zonas erógenas, já que estas costumam receber uma maior atenção e um maior investimento libidinal. Além disso, Schilder (1999) também menciona que as parestesias e sensações físicas desagradáveis têm um efeito similar ao da dor. Portanto, podemos supor que qualquer tipo de alteração muito brusca dos nossos canais perceptivos e sensoriais podem causar uma mudança em nosso fluxo libidinal e, conseqüentemente, em nosso esquema corporal. De acordo com Schilder,

“A dor, a disestesia, as zonas erógenas, as ações de nossas mãos sobre o corpo, as ações dos outros sobre nosso corpo, o interesse dos outros pelo nosso corpo e a dor provocada pelas funções de nosso corpo são fatores importantes para a estruturação final da imagem corporal” (Schilder, 1999).

Nesta passagem, Paul Schilder oferece destaque, não só aos efeitos que nós sentimos e produzimos dentro e fora de nosso corpo, mas também ao interesse que os outros têm pelo nosso corpo, que possui um papel fundamental para que consigamos estruturar nosso esquema corporal com base nesse investimento que sentimos vir de outros objetos do mundo externo. O autor também acrescenta:

“A construção do modelo postural do corpo ocorre, no nível psicológico, através de um contato contínuo com o mundo externo. No nível libidinal, é construído não apenas através do interesse que temos por nosso corpo, mas também através do interesse demonstrado pelos outros, através de ações ou simplesmente por meio de palavras e atitudes” (Schilder, 1999).

Portanto, a construção da imagem corporal ou esquema corporal se dá, não apenas através do contato do indivíduo com seu próprio corpo e história, mas também através da relação do sujeito com outras pessoas do mundo externo; até porque tais relações interpessoais também fazem parte da constituição histórica do indivíduo.

Schilder (1999) ressalta o fato de que a sensação de integridade do corpo não é produto do “acaso”, e sim do amor-próprio; isto porque, quando as tendências destrutivas prevalecem, o corpo se dispersa pelo mundo. Podemos pensar que este amor-próprio não é algo que está intrinsecamente presente no indivíduo desde o momento de seu nascimento, mas sim um afeto cuja construção está diretamente ligada aos modos de relação que o indivíduo estabelece com outras figuras de referência em sua vida, como seus cuidadores; estes, por sua vez, irão transpassar para a criança todo o amor e afeto que eles sentem por ela, e esta irá introjetar tal afeto para que, futuramente, ela mesma possa ser capaz de estabelecer uma relação afetiva consigo mesma, com base no que absorveu da relação com tais figuras de referência.

É importante ressaltar que o modo como o indivíduo estabelece uma relação com seu corpo - juntamente com a sensação de integridade corporal - está diretamente atrelado a essa relação afetiva transmitida para si mesmo. O efeito inverso também pode acontecer, caso haja uma sensação de desconexão com o corpo ou uma falta de afeto direcionada a ele, ou seja, ao contrário da sensação de integridade corporal, poderá surgir uma sensação de dispersão do corpo pelo mundo, conforme mencionado anteriormente.

Schilder (1999) formulou alguns princípios importantes relativos à estrutura libidinal da imagem corporal. Para esta pesquisa, será dado destaque a alguns pontos específicos que valem a pena serem lembrados, sendo eles:

“1. A influência emocional alterará o valor relativo e a clareza das diferentes partes da imagem corporal, segundo as tendências libidinais; 2. Esta alteração pode se dar na superfície do corpo, mas também pode ocorrer nas partes internas; 3. Pode haver uma modificação da aparência subjetiva da pele [...] ou uma perda de sensação em qualquer parte do corpo; 4. Pode haver uma alteração na percepção da gravidade do corpo; 5. Aquilo que ocorre em uma parte do corpo pode ser transposto para outra. [...] Uma parte pode ser simbólica de outra; 6. A atitude em relação às várias partes do corpo pode ser determinada pelo interesse que as pessoas que nos cercam dão ao nosso corpo. Elaboramos nossa imagem corporal segundo as experiências que obtemos através das ações e atitudes dos outros; 7. O interesse dos outros pelo próprio corpo e suas ações em relação ao corpo influenciarão o interesse que o sujeito tem pelas diversas partes do próprio corpo; 8. As experiências infantis são de especial importância para esta conexão, mas nunca deixamos de ter experiências e de explorar nosso corpo; [...] (Schilder, 1999).

Outro ponto que recebe destaque nessas observações é o fato de que a imagem corporal (esquema corporal) não se constitui como um fenômeno estático, mas sim adquirido, construído e estruturado em um contato íntimo com o mundo (Schilder, 1999). Portanto, tal imagem corporal não permanece a mesma ao longo do tempo; ela, por outro lado, é capaz de sofrer diversas modificações, dependendo do contato que o indivíduo estabelece consigo mesmo e também com o mundo externo e da forma como ele decide transpor simbolicamente esses diferentes tipos de contato para sua imagem corporal. Os campos libidinal e emocional possuem grande importância na construção do esquema corporal, assim como as relações estabelecidas com os objetos de amor.

Ao se referir aos diversos deslocamentos simbólicos que podem ocorrer no corpo, levando em consideração o fato de que o corpo é, em si, um objeto passível de investimentos libidinais, Schilder (1999) faz uma colocação importante ao afirmar que:

“Toda protuberância pode tomar o lugar de outra. Temos possibilidade de transformação entre falo, nariz, orelha, mãos, pés, dedos, mamilos, seios. Toda parte redonda pode representar outra - cabeça, seios, nádegas. Todo orifício pode

ser intercambiado com outro - boca, orelhas (de certo modo, olhos e pupilas), narinas e ânus” (Schilder, 1999).

Dessa forma, é possível concluir que, devido ao caráter pulsional da energia libidinal, o corpo é passível de ser investido de diversas formas, dependendo da função simbólica que cada parte desta dimensão corporal irá receber. Além disso, a função simbólica destinada a cada uma dessas partes do corpo sofrem diferentes deslocamentos e representatividades. Schilder (1999) também irá afirmar que a atitude psíquica atua primariamente sobre a imagem corporal. Isso significa que o nosso psiquismo e nossas experiências primárias, de acordo com o autor, possuem influência na construção do nosso esquema corporal.

Em relação ao desenvolvimento libidinal da imagem corporal, Preyer (1882) e outros autores citados por Schilder irão enfatizar o fato de que, no início da vida, devido ao fato de a criança não ter conhecimento suficiente a respeito do seu corpo, é comum que ela passe por um período de experimentação, onde haverá uma tentativa de discriminar o corpo de outros objetos através de dados motores e cinestésicos. A dor, por sua vez, possui uma importância neste desenvolvimento libidinal da imagem corporal, segundo Preyer (1882). Através da dor física, a criança consegue identificar de que forma outros objetos do ambiente a afetam e também conseguem entender, aos poucos, quais são os limites do seu corpo e o nível de sensibilidade deste. A dor, assim, serviria como um parâmetro para que a criança consiga obter uma percepção mais aguçada acerca da sua superfície corporal.

O ser humano possui um dos níveis mais altos de sensibilidade à dor. Algumas teorizações pressupõem que essa sensibilidade poderia ser um dos fatores importantes para a estruturação da imagem corporal, uma vez que a dor é concebida como uma necessidade biológica que visa evitar a auto-mutilação através de sinais emitidos pelo corpo. A dor permite que o corpo sinalize ao indivíduo os limites físicos que estão sendo ultrapassados naquele momento e que podem estar, biologicamente falando, colocando em risco a estrutura corporal do sujeito.

Portanto, a capacidade perceptiva e sensorial do corpo permite que o mesmo se auto-preserve para que sua estruturação biológica fique protegida, como

no caso da sinalização feita pela dor. Schilder (1999) afirma que a evolução da imagem corporal ocorre, de certa forma, paralelamente ao desenvolvimento das percepções, do pensamento e das relações objetais. Dessa maneira, a imagem corporal não desenvolvida possui características especiais, apresentando uma maior tendência às transformações e partes isoladas que são menos coerentes entre si e que possuem maior facilidade para serem expelidas ou incorporadas a outras partes.

As características descritas acima ilustram também o notável caráter mutável do corpo. De acordo com Schilder (1999), qualquer objeto que se conecte com a superfície do corpo será, em alguma extensão, incorporado a ele. Para exemplificar esta afirmação, o autor fala sobre as tatuagens, que são representadas por desenhos na pele que modificam a parte visual do indivíduo. Sendo assim, ao pintar o corpo, altera-se também a imagem corporal. O autor percebe a tatuagem, a maquiagem, a tintura nos cabelos e os penteados como pertencentes à mesma categoria. No caso do modelo postural do corpo, quando se deseja alterá-lo, não é necessário alterar a aparência real do corpo. O modelo postural do corpo está presente nas vestimentas e em tudo aquilo que faz parte do visual que é apresentado ao mundo. O autor descreve, por exemplo, as roupas, que são utilizadas como forma de decoração e tornam-se parte da imagem corporal, assim como o penteado, que é capaz de até mesmo “expandir” ou “diminuir” o corpo, dependendo do modo como ele é usado. Ainda segundo Schilder (1999), qualquer peça de roupa vestida torna-se, imediatamente, parte da imagem corporal, pois é revestida de libido narcisista. Portanto, ao mudar de roupa, acaba-se também mudando de atitude em relação ao mundo.

É possível que, através das vestimentas ou de outras características que afetem a imagem corporal, o indivíduo acabe se identificando com ou se diferenciando de outros indivíduos. Ao imitar uma roupa, o sujeito modifica sua imagem postural, incorporando a imagem dos outros. Assim, as roupas podem se tornar um meio de mudar inteiramente nossa imagem corporal (Schilder, 1999).

As vestimentas, assim como outros aspectos capazes de modificar a imagem corporal, permitem que haja uma superação da rigidez do corpo. Em outras formas de modificação corporal, é possível fazer orifícios no corpo (orelhas, nariz, boca, etc), cortar partes do corpo ou então inserir dentro dele pedaços de metal, de madeira e etc, como no caso dos povos primitivos.

De acordo com o autor, a personalidade total está ligada a energias de construção e de destruição; a primeira possui a função de cristalizar unidades e assegurar pontos de descanso e ausência de mudança, enquanto a segunda representa uma tendência de se obter um fluxo contínuo, uma mudança permanente. Essas duas energias diferem-se em seus caracteres de eternidade x transitoriedade. Portanto, em um mesmo indivíduo, é possível a existência dessas duas energias, no que diz respeito à relação dele com a dimensão corporal.

Importante enfatizar que, quanto mais rígida for a ligação do corpo com o objeto, mais facilmente este se torna parte da imagem corporal (Schilder, 1999). Portanto, se um sujeito se identifica de maneira intensa com objetos externos que alteram ou enfatizam sua imagem corporal ou diferentes partes dela, a tendência é que tais objetos se tornem mais facilmente parte da imagem corporal daquele indivíduo, podendo até mesmo levá-lo a um senso de estranhamento ou desconforto quando tais objetos não estão ali presentes na composição de sua imagem corporal.

No que diz respeito ao caráter sociológico da imagem corporal, incluindo a relação do sujeito com o Outro, o autor enfatiza que as tendências libidinais estão sempre direcionadas para imagens corporais localizadas no mundo externo. Na própria fase narcisista é possível observar a ocorrência desse fenômeno, pois, apesar do caráter aparentemente individualista presente nessa fase, o sujeito inevitavelmente acaba simbolizando no corpo as vivências experienciadas com os objetos do mundo externo; ou seja, nessa configuração, o corpo serviria como um ponto de encontro simbólico entre o sujeito e outras pessoas e objetos do mundo externo. De acordo com Schilder (1999),

“Nossa imagem corporal só adquire suas possibilidades e existência porque nosso corpo não é isolado. Um corpo é, necessariamente, um corpo entre corpos. Precisamos ter outros à nossa volta” (Schilder, 1999).

Além do corpo servir como um meio simbólico através do qual é possível observar a manifestação da união da experiência individual com a experiência social, o corpo também serve como uma via que permite que uma personalidade seja expressa. O desenvolvimento pleno da personalidade, segundo o autor, apenas é possível através do corpo e da imagem corporal. Portanto, a preservação e a construção da imagem corporal se tornam símbolo de uma personalidade

integrada (Schilder, 1999). Ainda de acordo com o autor, um corpo é sempre um corpo de personalidade, e a personalidade possui emoções, sentimentos, tendências, motivos e pensamentos. Assim como é comum a curiosidade em relação aos corpos e personalidades de outras pessoas, também é natural que o sujeito sinta necessidade de mostrar aos outros suas ideias, emoções, pensamentos, e etc, e o corpo é uma via rica através das quais todos esses fenômenos ganham espaço para serem expressos das mais diversas formas possíveis. Segundo Schilder (1999),

“Não só expressamos as emoções, como desejamos fazê-lo. Mesmo a emoção da pessoa solitária se dirige a um interlocutor imaginário. [...] As emoções se dirigem para os outros. As emoções são sempre sociais. Do mesmo modo, o pensamento é uma função social, mesmo quando a pessoa está sozinha. A humanidade é o ouvinte invisível de suas ideias” (Schilder, 1999).

Portanto, além do caráter social e sensorial contido na experiência e na expressão corporal, é possível observar também um caráter emocional, que é inevitavelmente dirigido a um Outro, segundo o autor. A imagem postural do corpo, apesar de ser basicamente uma experiência sensorial, provoca atitudes de caráter emocional, assim como a imagem corporal pessoal, que apenas adquire significado através do movimento e da sua função, que novamente se expressa de modo sensorial e emocional (Schilder, 1999).

O autor também afirma que, muitas vezes, a imagem corporal libidinal é descoberta através da tendência libidinal dos outros, que é dirigida para o sujeito. Aqui, as figuras parentais - especialmente no que diz respeito à figura materna - possuem um papel extremamente importante, uma vez que estas serão as primeiras pessoas a dirigirem energia libidinal ao infante e que, portanto, irão colaborar, não apenas com a descoberta, mas também com o processo de atribuição de significado à imagem corporal da criança.

De acordo com Schilder (1999), há uma conexão estreita entre a imagem corporal de um sujeito e de outras pessoas ao seu redor; isso porque o sujeito inevitavelmente incorpora partes da imagem corporal de outras pessoas, assim como tem partes de sua imagem corporal incorporada por elas. O autor, portanto, fala sobre uma inter-relação contínua entre imagens corporais, que pode ser uma inter-relação de partes ou de totalidades de imagens corporais (Schilder, 1999).

A percepção visual tem um papel importante no modo como a imagem corporal do sujeito é concebida por outras pessoas e no modo como a imagem corporal dos outros é concebida por ele. O olhar do indivíduo e de outras pessoas tornam-se, assim, o instrumento do intercurso das imagens corporais (Schilder, 1999).

Logo abaixo encontram-se sintetizados alguns pontos principais das teorizações de Schilder (1999) sobre a dimensão corporal, que irão servir de apoio aos desdobramentos dos outros capítulos desta pesquisa:

“1. As imagens corporais nunca estão isoladas. Estão sempre cercadas pelas imagens corporais de outras pessoas; [...] 3. As imagens corporais encontram-se mais próximas e mais intimamente ligadas nas zonas erógenas. [...] 5. As alterações exóticas da imagem corporal são sempre fenômenos sociais e são acompanhadas por fenômenos correspondentes na imagem corporal dos outros. 6. As imagens corporais são, em princípio, sociais. Nossa própria imagem corporal nunca está isolada. [...] 8. Há um intercâmbio contínuo entre partes de nossa imagem corporal e das imagens corporais dos outros. [...] 10. Estamos sempre enfatizando que o modelo postural do corpo não é estático e está sempre se modificando segundo as circunstâncias da vida. Encaramo-lo como uma construção criativa. É construído, desmanchado e reconstruído” (Schilder, 1999).

Portanto, a partir das observações feitas acima pelo autor, é possível concluir que o corpo possui uma plasticidade e uma flexibilidade que permitem que haja um fluxo contínuo de mudanças e movimentações no que diz respeito à dimensão corporal. Em relação ao corpo, sempre existe a possibilidade de novas construções e reconstruções, de acordo com as necessidades emocionais de cada indivíduo e também da relação destes com o meio social em que habitam.

O conhecimento que o indivíduo adquire em relação ao próprio corpo é resultado de contínuos investimentos e movimentações. O desenvolvimento é guiado pela experiência, através de tentativas, erros e acertos. Apenas dessa forma o sujeito vai adquirindo uma percepção organizada acerca do próprio corpo. Segundo Schilder (1999), existem tendências naturais que visam completar a imagem corporal, mas ela não permanece completa sem um esforço constante. Dessa forma, é possível concluir que a imagem corporal não é uma estrutura completa ou estática, uma vez que ela apresenta tendências à ruptura, que levam o sujeito a ter que sustentar a percepção de completude através de repetidos esforços e investimentos. O autor exemplifica que “há uma tendência para a dissolução da

imagem corporal. Quando fechamos os olhos e permanecemos imóveis o máximo possível, a imagem corporal tende a se dissolver” (Schilder, 1999).

Tanto a dimensão corporal, quanto a dimensão psicológica, que se encontram em constante diálogo, funcionam de acordo com processos de organização e reorganização das experiências reais, de acordo com as necessidades da personalidade real (Schilder, 1999). É possível concluir que existem tendências naturais, nesses casos, para a construção e para a destruição ou desconstrução, e a imagem corporal também se encontra inserida nessas dinâmicas contrastantes. O autor sintetiza quatro formas de impulsos presentes nessas percepções sensoriais, os quais seriam:

“[...] Impulso para ter novas experiências, impulso para completar experiências, impulso para a construção da estrutura libidinal total e, finalmente, a tendência à destruição do que acabou de ser criado com fim de expressão da variabilidade de atitudes de personalidade” (Schilder, 1999).

Segundo o autor, os processos acima seriam expressões da variabilidade de atitudes da personalidade, a qual atravessa diferentes tipos de experiências e situações, que acabam tornando necessárias as mudanças e as adaptações, e daí decorreria também a importância da plasticidade corporal.

Um ponto interessante presente nas formulações de Schilder é a ideia voltada para a relevância do conhecimento em relação ao próprio corpo; isso porque, quando o conhecimento da superfície corporal for insuficiente, haverá uma tendência natural por parte do sujeito de querer aumentar seu conhecimento sobre o próprio corpo através de movimentos de teste, uma vez que o conhecimento apenas pode acontecer através do movimento e dos mecanismos de testagem. Portanto, nesses casos, haveria uma maior necessidade de investir ativamente no corpo através desses movimentos, que contribuiriam para uma maior organização da percepção da imagem do corpo.

A atitude que o sujeito tem em relação ao próprio corpo não é baseada apenas em um interesse individual, mas também em um interesse social, que pressupõe o interesse que outras pessoas possuem em relação ao corpo do indivíduo. Esse interesse pode ser expresso verbalmente ou através de atos dirigidos ao corpo (Schilder, 1999), sendo que as primeiras pessoas a demonstrarem interesse em relação ao corpo do sujeito são as figuras parentais.

De acordo com o autor, a unidade emocional do corpo, que possui estreita relação com as tendências libidinais apresentadas, apenas pode ser mantida quando o complexo de Édipo é alcançado e as relações objetais são totalmente desenvolvidas, o que novamente pressupõe uma extrema importância por parte das figuras parentais no processo de desenvolvimento maturacional do sujeito, principalmente nas fases precoces de sua vida.

Os movimentos e investimentos corporais possuem uma profunda ligação com as tendências libidinais, que estão também em associação com os aspectos emocionais, conforme visto anteriormente. Por conta das tendências libidinais e de deslocamento, o que se passa em uma parte do corpo pode ser transposto para outra parte do corpo. O órgão sexual feminino, por exemplo, pode aparecer como cavidade em outras partes do corpo, assim como o órgão sexual masculino pode aparecer como um endurecimento em outra parte do corpo (Schilder, 1999). O autor denomina esse fenômeno de transposição de uma região do corpo para outra. Então, uma parte do corpo pode acabar simbolizando outra parte, de forma que o nariz pode tomar forma do falo, assim como qualquer parte protuberante pode tornar-se símbolo do órgão sexual masculino, assim como as cavidades e orifícios podem tomar forma do órgão sexual feminino.

Outros conceitos interessantes apresentados por Schilder são a identificação e a personalização, que, segundo ele, possuem um papel importante para a construção da imagem corporal. Schilder (1999) explica que quando as mudanças da imagem corporal simbolizam os órgãos sexuais, eles frequentemente representam órgãos sexuais de outras pessoas e são tomados pelo sujeito como personalidades inteiras. Os níveis afetivo e libidinal seriam responsáveis, portanto, por dar forma final ao modelo postural do corpo. De acordo com Schilder,

“[...] As atitudes em relação às situações vitais, a história de vida em seus aspectos subjetivos, levarão a uma ênfase diferente no modelo postural do corpo ou a uma percepção diferente do corpo, em conexão com sensações diferentes no mesmo. Mas, no final, tudo isso mudará o próprio corpo. [...] Suas alterações podem ocorrer na esfera das imagens, dos pensamentos, dos atos voluntários ou involuntários e, finalmente, em mudanças vasomotoras e vasovegetativas reais nos órgãos” (Schilder, 1999).

Portanto, é possível concluir que as tendências libidinais, bem como os conflitos libidinais, mudam constantemente a imagem corporal. Dentro do

espectro da plasticidade corporal, haveriam tendências voltadas para a entrada e para a saída; para a manutenção da imagem corporal para que ela permaneça dentro de seus limites; e para a expansão e extensão, bem como para a unificação ou dissipação da imagem corporal e suas partes. O modelo postural do corpo, por sua vez, seria o criador das tendências construtivas e destrutivas, sendo que o movimento e a expressão pertencem às fases destrutivas no contínuo processo de mudança do modelo postural do corpo. (Schilder, 1999).

No capítulo a seguir serão abordadas as teorizações acerca das modificações corporais, as quais possuem profunda relação com os temas discutidos no presente capítulo, principalmente no que diz respeito à questão da plasticidade corporal e da exploração do corpo como forma de expressão das tendências libidinais, sociais, emocionais e psicológicas. O corpo, visto como uma forma de expressão, também pode ser concebido como uma forma de comunicação com o Outro, e através dessas constantes comunicações, é possível criar entrelaçamentos entre a experiência subjetiva/sensorial e a experiência social, de forma que exista uma constante troca entre indivíduo e ambiente, dentro de um campo e de uma época onde o corpo vem ganhando cada vez mais destaque como um canal de comunicação.

4. As modificações corporais e o corpo na atualidade

Nos capítulos anteriores foi demonstrado que a dimensão corporal está totalmente associada à dimensão psíquica, uma vez que, desde os primórdios da existência, ambas constituem-se de maneira simultânea e de modo a influenciar uma à outra ao longo do processo de desenvolvimento maturacional. Além disso, também foi mostrado através das investigações teóricas realizadas nesta pesquisa que o ambiente possui grande influência na maneira como o indivíduo reconhece e percebe seu próprio corpo. Ao longo da vida, e não apenas na infância, o meio externo permanecerá tendo um papel importante sobre a subjetividade do indivíduo, servindo como um espelho que reflete ao sujeito sua própria imagem, e o corpo, por sua vez, continuará servindo como um canal importante de comunicação entre o sujeito e o mundo.

Principalmente nos tempos atuais, o corpo vem adquirindo cada vez mais destaque no contexto cultural e social e tem sido visto como um meio através do qual é possível fazer diferentes tipos de representações simbólicas, por meio de procedimentos ou de organizações imagéticas que permitem que ele sirva como um instrumento de narrativa ao sujeito e de apresentação ao meio externo.

O aspecto voltado para a plasticidade do corpo tem sido cada vez mais explorado na contemporaneidade e utilizado como uma forma de deslocar para o corpo uma série de representações psíquicas que encontram na dimensão corporal uma maior facilidade de expressão e de investimento libidinal, dado o caráter facilmente mutável do corpo.

As modificações corporais abordadas nesta pesquisa, que envolvem marcações/inscrições realizadas ao longo de parte considerável ou quase total da superfície corporal, apontam para interessantes discussões acerca da imagem corporal, que se apresenta neste contexto como sendo altamente variável e fluídica, e também acerca da própria ideia de imagem inconsciente do corpo, que, nesses casos extremos de modificações corporais, aponta para um corpo que parece seguir em busca de contornos, de delimitações e de sentidos, através de

diferentes modos de inscrição e de marcação na superfície corporal, ainda que tais procedimentos sejam dolorosos e muitas vezes irreversíveis.

4.1. Um aprofundamento no caráter subjetivo das modificações corporais

Os mecanismos de comunicação corporal, bem como os simbolismos e marcas que se encontram presentes no corpo, se apresentam de forma natural nos indivíduos. O corpo é universalmente conhecido como um invólucro através do qual uma via de comunicação não-verbal torna-se viável. Sendo assim, é possível dizer que o corpo possui uma linguagem própria, que propicia aos indivíduos uma ampla gama de possibilidades de expressão subjetiva.

Neste tópico, entretanto, serão abordados alguns modos de expressão corporal que são um tanto diferentes de outros modos comumente observados na sociedade. Esses diferentes modos de expressão corporal que serão abordados nesta pesquisa fazem parte de uma categoria chamada modificações corporais, que consiste em modificações corporais realizadas das mais diversas formas (através de tatuagens, de piercings, de implantes subdérmicos, dentre outros métodos). Aqui, o foco será colocado em contextos onde indivíduos adeptos de tais práticas “preenchem” boa parte da superfície corporal com tais adornos e desenhos, de uma forma considerada até mesmo “exagerada” por outras pessoas. Portanto, o foco não se encontra em indivíduos que aplicam tatuagens ou piercings por motivos meramente estéticos, esporádicos e comuns, mas sim em indivíduos que se submetem a procedimentos dolorosos de modificações corporais de maneira compulsiva, como se quisessem, através desses atos, atribuir ao corpo um maior sentido simbólico e representacional ou dar uma maior ênfase à dimensão da sensorialidade, numa tentativa de oferecer contornos mais sólidos ao corpo e intensificar suas sensações, como veremos mais adiante neste capítulo, em alguns trechos de entrevistas.

É possível perceber que indivíduos que se submetem a tais modificações corporais não apenas estão querendo marcar e simbolizar o próprio corpo, mas também se constituir como sujeitos. De acordo com Dossin & Ramos (2008):

“A vontade do homem é criar para si uma pessoa, mais próxima possível que ele quer ser. A tecnologia se prontifica a atender essa vontade, com as mais variadas técnicas. É assim que a tatuagem, o piercing, o branding e as outras práticas inseridas na body modification se tornam o cerne da construção de pessoas adequadas a tais práticas” (Dossin & Ramos, 2008).

A antropóloga Sônia Maluf (p. 96) acrescenta que:

“Quando uma pessoa faz uma tatuagem ou um piercing no corpo ela não está apenas inscrevendo símbolos, significados e valores culturais em uma ‘matéria bruta’ – a pele ou a carne até então imaculadas. Portar uma tatuagem ou um piercing é também uma forma de se constituir como um determinado tipo de sujeito – nesse caso é o corpo, ou mais especificamente uma determinada corporalidade, que constrói uma determinada pessoa” (Maluf, 2002).

Uma vez que as modificações corporais abrem espaço para que uma constituição subjetiva ocorra e uma vez que, nessas situações, é o corpo ou a corporalidade que constrói um determinado sujeito, é possível supor que pessoas que buscam tais práticas visando estes objetivos não conseguiram atribuir ao corpo um caráter sólido e bem contornado no passado e, por isso, sentem-se na necessidade de procurar por métodos e procedimentos que lhe transmitam sensações de preenchimento, de contorno, de completude; sensações estas que provocam um bem-estar temporário no indivíduo que as experimenta, mas que não exatamente ressignificam por completo a vivência passada, e é por esse motivo que o sujeito se vê na necessidade de repetir essa experiência de demarcação do corpo diversas vezes, como se estivesse numa constante busca por essa sensação prazerosa de preenchimento.

Francisco Ortega (2006) se utiliza dos conceitos de bioidentidades e de biossociabilidades para analisar as modificações corporais. Segundo o autor, essas práticas “fundem corpo e mente na formação de bioidentidades somáticas” (Ortega, p. 46). De acordo com suas formulações teóricas, o indivíduo que se apropria de tais práticas se dividiria em duas identidades, de modo que uma delas é negada e a outra é vista como a identidade a ser alcançada, sendo que esta última é considerada pelo indivíduo como sendo sua identidade “real”, embora ela costume ser provisória. Este caráter provisório decorre do fato de o sujeito permanecer nessa incessante busca pela modificação do seu corpo, sempre acrescentando um novo “adorno”, de forma até mesmo compulsiva.

Nas modificações corporais, nos deparamos com corpos repletos de perfurações, cortes, desenhos, mutilações, escarificações, implantes, dentre outros. Esses corpos que sofrem tais modificações são também chamados de ModPrims, ou modern primitives ou primitivos modernos. Esses termos possuem associação com rituais primitivos que costumavam ser realizados em épocas passadas e que, de alguma maneira, são transpassados para a sociedade atual e percebidos até mesmo como “modernos” por algumas pessoas; por isso o nome “primitivos modernos”. Esses “rituais” realizados desde épocas passadas visavam a constituição do sujeito através de tais práticas corporais. Na sociedade atual é possível perceber o quanto que o corpo possui um papel fundamental para a constituição subjetiva. O corpo é utilizado como uma via através da qual o sujeito vai processando sua constituição, sendo que esta constituição não costuma chegar ao fim, principalmente no que diz respeito aos casos de modificações corporais. O projeto corporal encontra-se sempre na esfera do devir e da (re)criação livre. De acordo com Dossin & Ramos (2008),

“[...] O corpo é tratado sempre como um projeto, inacabado, pois as possibilidades não são finitas. A pessoa está na condição de um eterno devir. Um ser efêmero num fluxo constante e ininterrupto de modificações de seu corpo, onde se cria, se recria, se angustia, se brinca e se transforma” (Dossin & Ramos, 2008).

Este projeto “inacabado” tem sua origem nas épocas precoces da história de vida do indivíduo, onde seu corpo ainda estava sendo corporalmente constituído e integrado. No caso, por exemplo, de uma má-integração ou de uma falta de contorno da superfície corporal, é possível que o sujeito acabe não conseguindo dar uma elaboração apropriada aos seus processos sensoriais e sintasse na necessidade de revisitar essa experiência futuramente.

A *body art* e a performance são práticas que se assemelham com as modificações corporais no que diz respeito à reativação de uma certa dimensão do vivido corporal (Dossin & Ramos, 2008), entretanto a *body art* e a performance possuem algumas características singulares. Para Breton (2003, p. 28), “[...] a *body art* leva ao auge [a] lógica que transforma o corpo abertamente no material de um indivíduo que reivindica remanejá-lo à vontade e revelar modos inéditos de criação”. Nesses casos, o corpo é visto como instrumento, como orgânico, e existe

para estar submetido à vontade do ser humano. Já em relação às diferenças que podemos observar entre a body art e a performance em comparação com as modificações corporais, segundo Beatriz Ferreira Pires (2005), é que, nos primeiros casos, o principal objetivo existente é a desfetichização do corpo humano, abandonando a exaltação à beleza que sempre esteve presente na história da arte, e é por isso que os aspectos orgânico e visceral são mais valorizados nesse ramo (Pires, 2005); já no que se refere às modificações corporais, a relação do indivíduo/artista com o corpo torna-se bem mais evidenciada e o fetiche e a exploração sensorial ganham bastante destaque (Dossin & Ramos, 2008).

No livro “Bodies”, Susie Orbach (2009) ressalta o hiperinvestimento atrelado à imagem corporal, na sociedade contemporânea. Cada vez mais, encontramos meninas e meninos cada vez mais jovens se interessando em modificar os próprios corpos, que, muitas vezes, encontram-se ainda em fase de desenvolvimento. Tal interesse é suscitado em sua maior parte pela cultura midiática, que prega uma ideia de perfeição impossível de ser alcançada. A cada momento, uma nova “tendência” é lançada, e o jovem se vê na obrigação de se adaptar a tais tendências, ou para se sentir pertencente a um grupo, ou para que, de alguma forma, ele se sinta melhor em relação a si mesmo e à sua autoestima. A autora menciona que essa busca pela perfeição acabou se estendendo para o consultório, onde pacientes relatam, não somente o desejo de transformarem de alguma forma seus corpos, mas onde é também notada uma associação entre conflitos emocionais e preocupações com o corpo, onde a insatisfação corporal acaba tomando um lugar central nas sessões, como uma sobreposição ao conflito psíquico que está ocorrendo. De acordo com Orbach,

“[Os pacientes] acham defeitos nos próprios corpos e dizem que o fato de poderem aprimorá-los lhes dá uma maior sensação de controle e de bem-estar. Assim como nós, eles não gostam de acreditar que estão sendo influenciados por pressões externas e podem até mesmo desdenhar o caráter manipulativo que tais ideias possam ter” (Orbach, 2009).

Tais pessoas tendem a acreditar que, ao se olharem no espelho e se sentirem bem com suas aparências, automaticamente irão também se sentir internamente bem consigo mesmas. O problema ressaltado pela autora é o de que este mecanismo poderia também criar uma armadilha que fizesse com que o

indivíduo se sentisse impelido a descontar no próprio corpo uma insatisfação interna. Este movimento realizado e fomentado pela mídia, onde uma “moda” diferente é criada a cada instante acaba reforçando essa tendência à insatisfação corporal, que serve como suporte às próprias insatisfações internas. O que observamos hoje em dia, segundo a autora, é um corpo progressivamente instável, que se torna uma área propícia a distúrbios e sofrimentos.

Essa cultura midiática que prega uma perfeição corporal inalcançável acabou se democratizando em diversas sociedades, das mais diferentes formas. Por conta dessa democratização, muitas pessoas acabam não percebendo o caráter doentio que ela carrega, o qual suscita inseguranças, insatisfações e distúrbios em relação ao corpo. Isto não é percebido porque foi normalizado, tomado como natural e, conseqüentemente, “invisível” aos olhos da sociedade. De acordo com Orbach,

“Nosso mundo visual está sendo transformado através de uma intensificação de imagens que representam o corpo e partes do corpo de modos que nos levam a crer que nossos próprios corpos precisam sofrer reparos. Sem notarmos, acabamos aceitando o convite de nos mantermos atualizados ” (Orbach, 2009).

A autora ressalta que nos consultórios de psicólogos, psicanalistas e médicos tem aumentado cada vez mais o número de pacientes que relatam sentir uma instabilidade e um sentimento de vergonha em relação ao próprio corpo. Isto perpassa, desde transtornos alimentares, como a anorexia, até o desejo de fazer retoques corporais, através de cirurgias e implantes.

O corpo é visto por muitas pessoas como uma tela em branco, através da qual é possível criar canais de expressão e de existência individual, seja através de cortes ou tinturas de cabelo, ou através de tatuagens e piercings, por exemplo. Essas transformações ou adornos corporais podem levar muitos indivíduos a adquirirem um senso de identificação com determinados grupos dos quais fazem ou desejam fazer parte.

Orbach (2009) parte do princípio de que, de certa forma, nunca houve um corpo totalmente simples e “natural”. Na verdade, o que sempre existiu é um corpo moldado pelas designações socio-culturais. Dessa forma, esse corpo é introduzido por forças sociais, as quais são absorvidas e transmitidas nos círculos familiares, onde todos nós primeiramente adquirimos nosso senso corporal. Isso

não significa, entretanto, para a autora, que nós experienciamos nosso corpo de maneira alienada. Pelo contrário, na medida em que escolhemos o que vestimos ou como arrumamos nosso cabelo, nós firmamos em nossos corpos o modo como gostaríamos de ser vistos pelas pessoas ou o modo como nós próprios nos vemos.

Essas forças sociais, propagadas pelas mídias e repassadas dentro dos ambientes familiares, podem levar os indivíduos, já na infância, a se sentirem inseguros em relação aos seus corpos, além de criar um senso de que os corpos que têm não são seus verdadeiros corpos. Este modo de pensar, disseminado nos mídias sociais, faz com que os sujeitos queiram se sentir pertencentes a um grupo, na ilusão de que isso será a solução para seus problemas de autoimagem. Assim, há uma propagação dessa lógica midiática de veneração à “perfeição” dos corpos, através de uma replicação interminável das imagens que são vistas por esses indivíduos.

Mieli (2002) descreve como que nos últimos tempos vem se deparando na clínica com casos que envolvem manipulações voluntárias e irreversíveis do corpo, ou seja, intervenções sobre o corpo que implicam em uma modificação voluntária de seu aspecto, as quais geralmente estão atreladas a questões estéticas. Ainda de acordo com a autora, tais manipulações corporais devem ser estudadas dentro das particularidades das histórias subjetivas de cada indivíduo, pois essas histórias estão inseridas em universos simbólicos específicos de uma determinada cultura ou sociedade. Além disso, o modo como cada sujeito vivencia e narra tais aspectos históricos e subjetivos é algo único e particular, visto a partir de seu ponto de vista e de suas experiências, portanto, não é possível fazer generalizações em torno de casos que envolvem tais manipulações corporais.

O que Mieli (2002) passou a observar cada vez mais em sua clínica, a partir de casos que envolviam tatuagens, cirurgias plásticas e cicatrizes, foi o fato de que tais intervenções eram vistas, muitas vezes, por esses indivíduos, a partir de uma perspectiva de “necessidade”. De acordo com a autora, a manipulação corporal irreversível seria uma tentativa de dar estabilidade a uma forma que oscila. Na cirurgia plástica, por exemplo, ela surgiria para integrar ou excluir um traço físico particular, visto como “em excesso” ou “excessivamente pouco”.

A autora demarca em seu livro “Sobre as manipulações irreversíveis do corpo” um termo interessante, chamado “landmark”. Tal palavra teria as seguintes definições:

“1. Marca que designa os limites de um território - uma marca qualquer: uma árvore, uma pedra, um objeto fixo; 2. Um objeto proeminente qualquer, marcando uma localidade, frequentemente histórica; um objeto elevado servindo de guia; 3. Um acontecimento considerado ponto de virada de um certo período” (Mieli, 2002).

A intervenção irreversível sobre o corpo, que ocorreria por meio de cortes, incisões ou manipulações de diferentes tipos, levaria à constituição do landmark. Existem duas formas de se realizar uma inscrição por landmark: uma é a inscrição como *apagamento* e a outra é a inscrição como *marco*. Nos dois casos, segundo Mieli (2002), haveria a implicação da invocação do traço, a procura de um corte simbólico que dá forma definida a um contorno flutuante.

A inscrição como *apagamento* teria como objetivo “apagar” um traço do corpo que geralmente é sentido e descrito como traço familiar, parental ou étnico. Ao reduzir essa visibilidade étnica, através de cirurgias estéticas no nariz ou na boca, por exemplo, muitos sujeitos relatam sentir-se mais assimilados a um grupo social ao qual se sentem identificados.

No livro, Mieli (2002) cita uma pesquisa realizada com pacientes homens submetidos à cirurgias plásticas por razões estéticas no Hospital John Hopkins, entre 1957 e 1959, a qual ressalta que 75% desses pacientes identificam o traço físico que querem modificar - queixo, orelhas, nariz, pômulos - como traços físicos paternos. O interessante nesses casos é que tais sujeitos possuem uma relação mais próxima com a figura materna do que com a figura paterna. Inclusive, relatam uma dificuldade de identificação com seus respectivos pais. A busca de uma intervenção cirúrgica, além de simbolizar essa falta de identificação com a figura paterna, representaria também uma luta ativa para se libertarem de sua identificação com suas mães, como uma marca de delimitação de uma fronteira do eu.

A inscrição realizada por *marco* declararia a importância da inscrição como definição da identidade subjetiva. Aqui estão inseridos, por exemplo, os casos das tatuagens e ou da criação voluntária de cicatrizes. Além disso, não raramente o landmark serve também como um ritual de passagem, que permite que o sujeito passe a uma nova fase, a um novo estado.

O landmark poderia também funcionar como uma construção de sentido, como tentativas de esclarecimento e de cura, como se fosse a narrativa de uma

história, que visa uma maior compreensão ou um melhor modo de lidar com as experiências vivenciadas anteriormente, ao longo da vida do sujeito.

É importante ressaltar que o landmark surge, de forma mais ou menos atenuada, atrelado à dor física, dadas as modificações intrusivas realizadas no corpo através de procedimentos cirúrgicos/estéticos. Nos rituais de passagem, por exemplo, através da indução voluntária de cicatrizes na pele ou da aplicação de tatuagens, a dor se constitui como um aspecto necessário à aquisição de um novo estado, ela delimita uma transição. De acordo com Mieli, “a dor engendrada pelo landmark se faz signo de um corte na carne que metaforiza um corte simbólico, signo de uma perda necessária para a ancoragem do traço (Mieli, 2002).

Muitos casos de manifestação compulsiva das práticas de modificações corporais percebidos, por exemplo, através da aplicação incessante de piercings e/ou tatuagens ou em procedimentos cirúrgicos com objetivos estéticos podem ser vistos através dessa lógica de landmark, onde é necessária uma inscrição corporal que dê sentido às experiências do sujeito ou que sirva como uma tentativa de narratividade, através da criação de marcos que permitam que o sujeito se identifique com uma nova imagem de si mesmo e que também apague ou modifique determinados traços físicos que serviriam como uma rememoração de identificações familiares, sociais ou étnicas que o indivíduo não mais gostaria que estivessem ali, devido à falta de um sentimento de assimilação com as mesmas.

Neste livro, Mieli (2002) oferece o exemplo de alguns sujeitos amantes das práticas de perfurações corporais (body piercing), que relatam que os anéis que perfuram seus corpos aumentam as estimulações, tornam sua sensibilidade mais aguçada. A perfuração brincaria, dessa forma, com os contornos do corpo, e realça a função de corte simbólico próprio à inscrição do traço.

Nolasco (2006) avalia as modificações corporais a partir de uma perspectiva fenomenológica, como uma prática que serve ao sujeito como uma possibilidade de determinação do Eu, tomando as modificações corporais como uma ação que confere a sujeitos uma experiência de continuidade, de existência, de permanência.

Através de entrevistas com sujeitos tatuados, o autor encontrou uma menção de que tais marcas serviam como elementos através dos quais tais indivíduos sentiam-se donos de si mesmos. Nesses casos, o corpo serviria, não apenas como um condutor de registros de experiências subjetivas, mas também

como um espaço onde o processo de individuação torna-se possível, como uma espécie de afirmação da singularidade de tais sujeitos. De acordo com Nolasco (2006),

“Quando escolhe modificar-se, o sujeito opta por submeter-se a procedimentos que inicialmente o diferenciariam dele mesmo, pois modificando sente-se assertivo em relação à posse de si mesmo. O resultado desta diferenciação aspira fortalecer os sentimentos de continuidade e integração do Eu, concretizado por meio das incisões feitas sobre a pele. Neste processo, a consciência estabelece uma série de conexões entre as sensações geradas pela realização das marcas e a experiência emocional de sentir-se vivo” (Nolasco, 2006).

Dessa forma, o corpo não seria apenas um local depositário de experiências subjetivas passadas, que trazem uma determinada narrativa, mas também um espaço potencial onde seria possível experimentar novas possibilidades de encontro consigo mesmo, de forma contínua e ininterrupta. Apesar do caráter doloroso das práticas de modificações corporais, é possível perceber que tais ações não envolvem mecanismos meramente sádicos, mas sim estratégias de comunicação que são feitas através do uso do corpo e que expressam em suas diferentes formas conteúdos afetivos e emocionais.

Existem diversos tipos possíveis de práticas de modificação corporal. Com o objetivo de categorizar de forma simplificada essas diferentes modalidades, Nolasco (2006) oferece uma visão objetiva desses diferentes ramos de modificações corporais existentes na atualidade, sendo eles classificados como:

“1. Comuns (perfurações, tatuagens, marcas por queimaduras e cortes); 2. Extremos (implantes transdérmicos, incisões subcutâneas); 3. Sexuais (castração, penectomia, circuncisão masculina e feminina); 4. Radicais (amputação); 5. Não cirúrgicas (anorexia, coletes modeladores, alargadores, *bodybuilding e foot binding*)” (Nolasco, 2006).

Além disso, existem também incisões que envolvem perfurações, como as escarificações, que são marcas deixadas por ferimentos profundos na pele, cuja função é produzir fibroses. Este tipo de procedimento, assim como outros, se destaca por seu caráter doloroso.

A diferença que o autor ressalta entre as modificações corporais e as cirurgias plásticas, por exemplo, seria o objetivo não estético da primeira, ao

contrário da segunda, que geralmente envolve a busca por procedimentos que visam resultados socialmente valorizados. As tatuagens, por outro lado, que estariam em uma das categorias de modificações corporais destacadas nessa pesquisa, envolveriam a busca pela originalidade e pelo sentido, em um espaço corporal onde o simbólico encontrava-se anteriormente exaurido e envolto pelo vazio.

Portanto, a principal diferenciação que Nolasco (2006) consegue identificar entre certos procedimentos estéticos (através do exemplo das cirurgias plásticas) e as modificações corporais (através do exemplo das tatuagens) é a tendência da primeira a querer se encaixar no aspecto social e coletivo, voltado para a padronização dos corpos pregada pela cultura midiática, enquanto que, no segundo caso, há uma busca pela originalidade, por se sentir diferente e existente temporal e espacialmente em um corpo único e singular.

Nolasco (2006) traz uma ideia interessante ao dizer que as modificações corporais seriam atos intencionais que envolvem recategorizações e procedimento de memória dinâmica. Segundo o autor,

“Quando o sujeito realiza uma modificação corporal, produz *inputs* que acionam procedimentos de memória. Por meio de associações, uma seqüência de lembranças o conduz até situações cuja experiência sensorial corresponde ao ato de marcar, perfurar ou escarificar seu corpo, conferindo continuidade onde havia indeterminações do Eu. Ao realizá-las, o sujeito faz um ajuste na imagem que tem de si mesmo, transformando-a em um *qualia* que lhe confere valor” (Nolasco, 2006).

Dessa forma, é possível perceber a associação existente entre o que o sujeito expressa em seu corpo, na atualidade, e o que ele experienciou sensorialmente no passado e que produziu marcas que deixaram rastros de indeterminação e de lacunas em sua história. Tais vivências, que requerem uma elaboração e um ajuste, impelem o indivíduo a se utilizar dos recursos que possui atualmente ao seu dispor para que seja possível fornecer um maior sentido a tais experiências. No caso dessas vivências sensoriais, um recurso facilmente utilizável poderia ser um dos diversos ramos existentes dentro das práticas de modificações corporais, onde o corpo ganha total destaque e onde, conseqüentemente, tais experiências sensoriais podem ser expressas de uma forma

mais rica e fluidica, ao mesmo tempo em que recebem uma atribuição de sentido na própria dimensão corporal.

Além do corpo servir como um meio através do qual é possível registrar e narrar sensorialmente diversos conteúdos de ordem psíquica e emocional que fazem parte da história individual de um indivíduo, ele também se apresenta como um canal de comunicação entre o sujeito e o mundo, desde o início da vida. Desta forma, uma perspectiva voltada para a esfera social e para a esfera comunicativa torna-se importante, uma vez que o corpo, ao mesmo tempo que delimita fronteiras entre o sujeito e o mundo externo, também aproxima essas duas instâncias e permite que elas se relacionem entre si.

4.2. O corpo contemporâneo e as modificações corporais como formas de expressão e de comunicação entre o sujeito e o Outro

As práticas de modificações corporais, conforme visto anteriormente, possuem grande ligação com experiências psíquicas individuais e registros mnêmicos que encontram possibilidade de expressão em diversos modos de marcação corporal. Além da perspectiva subjetiva e psíquica, uma perspectiva voltada para a dimensão social também se mostra importante, uma vez que o indivíduo está sempre em constante troca com o ambiente social, desde os primórdios de sua vida.

O corpo é visto como um meio através do qual somos primeiramente introduzidos ao mundo e às pessoas, portanto, ele seria o invólucro que nos permite afetar direta ou indiretamente os objetos e os indivíduos que se encontram ao nosso redor. Através dos movimentos corporais, do vestuário e dos adornos que utilizamos no dia a dia e das nossas expressões faciais e gestuais, nós nos relacionamos com tudo que se encontra à nossa volta. O corpo, de forma geral, pode ser visto como uma “capa imagética” que nos permite estar em constante comunicação com o mundo e é nele que se encontram registradas as nossas marcas psíquicas e emocionais, que podem ser expressas das mais diversas formas. Nem sempre possuímos total consciência acerca de como nos comunicamos corporalmente com o mundo ao nosso redor, entretanto, essa comunicação acontece a todo instante.

A estética e a visibilidade são dois aspectos que têm sido cada vez mais valorizados e almejados na sociedade atual. Além do fator imagético proporcionar sensações de pertencimento e de reconhecimento principalmente no que diz respeito ao público mais jovem, o modo como o corpo é esteticamente “montado” e decorado abre espaço para diferentes tipos de comunicação e de expressão entre indivíduos. Dependendo do modo como nos vestimos ou nos arrumamos, podemos passar diferentes mensagens para as pessoas à nossa volta, e essas mensagens não-verbais estão ganhando cada vez mais poder nas redes sociais.

Na contemporaneidade, principalmente em decorrência da intensificação da lógica capitalista voltada para o consumo, os indivíduos têm utilizado cada vez mais o corpo como forma de expressão e de admiração. Os procedimentos estéticos, por exemplo, vêm ganhando cada vez mais destaque na sociedade contemporânea, pois permitem que a aparência dos corpos seja modificada, de forma que seja possível uma maior aproximação dos “ideais” estéticos considerados por cada indivíduo como sendo belos e relevantes, “ideais” estes que constantemente sofrem influência da cultura midiática.

Diversas pessoas recorrem a procedimentos cirúrgicos, dietas, preenchimentos, e etc, com o único objetivo de se aproximarem cada vez mais desses ideais percebidos como “belos” pela sociedade. A busca por tais modificações e procedimentos estéticos vem muitas vezes atrelada a crises identitárias pautadas em uma necessidade desenfreada de se obter o reconhecimento, a validação e a aceitação do outro, aspectos que, embora inevitavelmente façam parte do campo de necessidades humanas desde o princípio da vida, podem se tornar excessivos e disfuncionais, em casos extremos, principalmente em contextos que sirvam para reforçar ainda mais essas crises identitárias, como no caso da “ditadura da beleza” pregada pelas mídias sociais, que faz com que a esfera corporal acabe eventualmente sofrendo a sobrecarga de tais insatisfações associadas ao modo como o indivíduo enxerga a si mesmo.

No caso das modificações corporais abordadas nesta pesquisa, a temática social acaba tendo uma outra espécie de teor, já que tais modificações corporais não se referem exatamente a procedimentos estéticos pautados em ideais sociais reforçados pela cultura midiática e na “uniformização” dos sujeitos, mas sim a procedimentos e práticas que acabam enfatizando ainda mais aquilo que é considerado como “diferente” e “estranho” pela sociedade.

A dimensão corporal possui uma função voltada, tanto para a esfera individual e psicológica, quanto para a esfera coletiva e social, de maneira simultânea e complementar. Dentro de uma sociedade, a dimensão corporal pode estar atrelada, não apenas a formas individuais de expressão, mas também à formação de estereótipos e categorizações sociais que pré-definem a maneira como os indivíduos serão vistos por outros membros da sociedade, de maneira pré-conceituada. O corpo possui um papel importante dentro desse contexto, pois ele é um meio através do qual o indivíduo se expressa como sujeito. O corpo constitui a maneira como o indivíduo se mostra socialmente, ainda que de forma superficial e primária, pois ele serve como uma capa de apresentação ao mundo externo. Esta apresentação pode levar outros membros da “tribo” a encaixar tal indivíduo em uma categoria social ou em outra, criando-se, assim, pré-definições em relação àquilo que está sendo apresentado através do corpo. Segundo Ortega (2003),

“A ênfase dada na nossa sociedade aos diversos procedimentos de cuidados corporais, médico, higiênicos e estéticos [isso] leva à formação de identidades somáticas, às bioidentidades, as quais têm deslocado para a exterioridade o modelo internalista e intimista de construção e descrição de si” (Ortega, 2003).

Aqui, Ortega (2003) apresenta novamente o conceito de bioidentidades para ilustrar de que forma o modelo pautado em uma descrição interior de si mesmo é deslocado para a exterioridade e para a relação do sujeito com essa exterioridade. Essas identidades somáticas acabam trazendo para a dimensão corporal a expressão interior do Self, expressão essa, que, devido à natureza dinâmica do corpo, acaba se tornando também muito fluida e mutável.

Ao mesmo tempo em que o corpo apresenta esse caráter mutável e inconstante, ele também pode ser utilizado como uma tela onde diversos tipos de registros são deixados - muitas vezes de forma permanente -, como no caso das marcações corporais abordadas nesta pesquisa. Esse contraste entre mutabilidade e permanência traz uma reflexão em torno do dinamismo da dimensão corporal, a qual suporta - pelo menos até um certo limite - diferentes tipos de expressões e dicotomias, ressonâncias e contradições.

Nesta “tela corporal” diversos tipos de registros podem ser deixados em formas de marcas, desenhos, perfurações, e etc, e eles possuem uma narrativa e

um significado que acabam, não apenas construindo uma narrativa simbólica para o indivíduo que está sendo marcado, mas também afetando as pessoas que entram em contato com tais registros e marcas. Inevitavelmente, devido ao fato de o sujeito estar imerso em uma sociedade, ele acaba afetando também outros membros dessa sociedade, uma vez que sujeito e campo social estão sempre em constante troca e co-construção.

O corpo, portanto, se constitui também como uma forma de linguagem. Através do corpo, é possível haver uma comunicação entre o sujeito e o ambiente. O corpo, dessa forma, afeta e também é afetado/influenciado pelo ambiente, desde os primórdios da vida. Em *Meu Ensino* (2006), Lacan se baseia no pensamento de Heidegger para dizer que “a linguagem está aí antes do homem, o que é evidente. Não apenas o homem nasce na linguagem exatamente como nasce no mundo, como também nasce pela linguagem” (Lacan, 2006). Ou seja, mesmo antes de seu nascimento, o sujeito já encontra-se inserido no universo da linguagem, o qual, inclusive, o pré-define antes mesmo de sua vinda ao mundo (através, por exemplo, da nomeação do sujeito, de como ele é percebido e esperado pela família enquanto ele ainda encontra-se no útero da mãe, e etc). De acordo com Ferreira e Dupim (2016), antes mesmo de nascer, o sujeito já é falado pelo Outro e dependerá dele para constituir-se, tanto psiquicamente, quanto corporalmente.

Um corpo que fala é também um corpo que é escutado pelo outro. Essa dinâmica de comunicação corporal, constituída por um tipo singular de linguagem, envolve um emissor e um receptor. O emissor seria aquele que comunica a “mensagem” através do corpo, ainda que de maneiras não diretas, e o receptor seria aquele que “recebe” a mensagem, ou seja, que a percebe, que a capta. Ferreira & Dupim (2016), ao falarem sobre as tatuagens, descrevem como que este ato - assim como outras práticas de modificações corporais - possui uma relação particular com a linguagem, podendo trazer ao sujeito tanto um senso de alienação e separação em relação ao Outro, quanto um senso de assimilação com o Outro, uma vez que, através das marcações corporais, é possível assemelhar-se e, ao mesmo tempo, distinguir-se de outros sujeitos. Ainda segundo as autoras, no que diz respeito a esta prática de modificação corporal (tatuagem) e a linguagem:

“Nesse sentido, percebemos que há uma relação entre tatuagem e linguagem. O nascimento do corpo é marcado, delineado e mapeado pela linguagem. No ato de

tatuar esse mesmo processo parece estar em movimento: existe um elemento externo que é marcado pelo sujeito em seu próprio corpo, um traço delineador que engendra novos contornos e estabelece uma nova fronteira, uma marca que mapeia tal como a linguagem” (Ferreira e Dupim, 2016).

No caso das modificações corporais descritas na presente pesquisa, que envolvem modificações corporais extremas e que cobrem uma parte considerável ou quase total do corpo, é possível perceber uma enorme riqueza em relação às mensagens passadas pelos corpos modificados dos indivíduos adeptos a tais práticas. Estes corpos, marcados por desenhos, furos, implantes, cicatrizes, e etc, também contam diversas histórias e constituem-se como uma forma de expressão da subjetividade e da maneira como tais sujeitos relacionam-se com a esfera corporal. Moreira, Teixeira e Nicolau (2010) enfatizam a importância de se "escutar" as marcas corporais, já que a superfície da pele, principalmente nos momentos mais precoces da constituição da subjetividade, é percebida como um espaço de inscrição psíquica.

A pele, segundo Ferreira & Dupim (2016), se situa na fronteira entre o sujeito e o mundo, entre o eu e o Outro. Pelo fato de a pele se situar nesta fronteira, ela acaba servindo como um canal de comunicação e de expressão direta com o outro, e isso se torna ainda mais evidente dentro do contexto da sociedade atual, onde existe um hiperinvestimento na dimensão corporal, ainda que por objetivos unicamente estéticos. O Outro, portanto, possui um papel importante nessa dinâmica, no sentido de servir como uma espécie de receptor e de refletor da imagem que o sujeito passa através da superfície corporal. Sternick (2012) corrobora com essa perspectiva, ao retomar alguns aspectos referentes às teorizações lacanianas acerca do estágio do espelho, onde a experiência subjetiva da criança é marcada pelo atravessamento da sensação de um corpo despedaçado e caótico para um corpo próprio, vivenciada em três tempos lógicos. De acordo com Ferreira & Dupim (2016),

“O primeiro tempo é marcado pela percepção da criança acerca de sua imagem no espelho, mas ainda não distingue o próprio corpo do corpo do outro. No segundo, a criança ainda não compreende que o reflexo no espelho é o dela – para a criança sua imagem refletida não passa de um semelhante com quem tenta interagir. No terceiro, ela conclui que a imagem refletida no espelho corresponde à própria imagem e com júbilo desloca o olhar do espelho para direcioná-lo ao Outro que a acompanha nesse momento, geralmente os pais. Nessa troca de olhares, a criança

parece apelar ao Outro que a reconheça e valide esse momento fundamental no qual ela se distingue do Outro e constitui o próprio eu” (Ferreira & Dupim, 2016).

Portanto, desde os primórdios da constituição psíquica, é possível concluir que o senso de corpo unificado não é possível sem a linguagem, a qual é transmitida através da relação do sujeito com o Outro, da relação da criança com as figuras parentais, que confirmam para ela a ideia de que aquele corpo que se apresenta no espelho é, de fato, o corpo dela. No momento em que ocorre um reconhecimento - por parte da criança - da própria imagem refletida no espelho, os pais encontram-se ali naquele contexto como espectadores ativos daquela experiência vivida pelo infante, e tal participação das figuras parentais nesse senso de reconhecimento da imagem de si é extremamente importante para que a criança experimente a sensação de unificação de seu corpo. Sem o Outro, essa unificação não é possível.

As figuras parentais, quando se encarregam de acompanhar a criança em suas primeiras experiências subjetivas, acabam constituindo no infante, com o tempo, um senso de corpo próprio, e isso ocorre desde as fases mais primitivas do desenvolvimento infantil, retomando os conceitos winnicottianos de *holding* e de *handling*. Dessa forma, a validação e o reconhecimento comunicados através dos pais acabam gerando na criança uma noção autoimagética que vai se desenvolvendo ao longo do tempo de forma paralela ao desenvolvimento do senso de eu. O estádio do espelho deve ser entendido, portanto, “como uma identificação [...] a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, (1998b [1949], p. 97).

Conforme o que foi discutido anteriormente no capítulo 2, o estádio do espelho descrito por Lacan representa um momento marcante no processo de constituição psíquica. Este marco se constitui como um processo que se prolonga ao longo da vida, levando-se em consideração que o espelho é representado, não apenas pelo objeto que reflete a imagem do sujeito, mas também pelo olhar do Outro, ou seja, por tudo aquilo que de alguma maneira reflete para o sujeito a sua própria imagem. De acordo com Ferreira & Dupim (2016),

“Essa experiência possibilita a separação entre o eu e o Outro, produzindo um contorno, um litoral, que demarca os limites corporais do sujeito e do outro.

Assim, engendra-se uma nova relação entre o sujeito para com o mundo e ele mesmo” (Ferreira & Dupim, 2016).

O estádio do espelho, portanto, teria a função de possibilitar ao sujeito a passagem de um corpo despedaçado e sem fronteiras bem definidas para a ilusão de um corpo unificado, produzindo, assim, uma noção de limite e de contorno do sujeito em relação a outros objetos e pessoas ao seu redor. Contudo, com o advento do capitalismo na sociedade contemporânea, o corpo acabou se tornando alvo de uma constante (re)fragmentação, em decorrência das diversas possibilidades de manipulação e modificação corporais que ganham maior destaque principalmente na atualidade.

O corpo tem se tornado cada vez mais passível de recortes, manipulações, modificações, retoques, aprimoramentos, e, nessa constante busca pelo aperfeiçoamento corporal, acaba-se retornando ao estado fragmentado que existia anteriormente ao estádio do espelho. Boa parte desse retorno a um estado fragmentado do corpo é feito de maneira proposital pela cultura midiática, que fomenta essa intensa busca pelos ‘ideais estéticos’ - que são, muitas vezes, inatingíveis -, em prol da perpetuação da lógica capitalista voltada para o consumo. Ferreira & Dupim (2016) reforçam essa ideia ao afirmarem que, assim como o corpo, a imagem também vem se fragmentando, uma vez que os avanços tecnológicos e científicos acabam produzindo consequentemente efeitos opostos ao estádio de espelho. Ainda segundo as autoras,

“Estes avanços fazem com que o sujeito vivencie novamente a sensação de um corpo fragmentado, despedaçado e caótico sem uma imagem que possibilite a sensação de unidade. Desta forma, o sujeito pode encontrar uma saída nas modificações corporais que o possibilite uma nova identificação subjetiva com o corpo” (Ferreira & Dupim, 2016).

No trecho acima, as modificações corporais são descritas de maneira a incluir os procedimentos realizados com objetivos unicamente estéticos, entretanto, também é possível encontrar uma correlação dessa sensação de corpo fragmentado com o caso das modificações corporais levadas a níveis mais extremos, como no caso das práticas enfatizadas nesta pesquisa - nas quais os corpos dos sujeitos são modificados quase que num nível total, através de tatuagens, piercings, implantes subdérmicos, e etc. Essa correlação existente entre

o senso de fragmentação e as modificações corporais levadas a níveis mais extremos pode ser percebida no fato de que tais indivíduos geralmente sentem uma vontade compulsiva de dar continuidade às práticas de modificação corporal, como se nunca estivessem totalmente satisfeitos com o estado atual do corpo. Sempre há espaço e pulsão para que sejam feitas mais alterações corporais. Segundo Silva e Porchat (2010), existe uma relação entre a tatuagem, por exemplo, e a “faísca pulsional”. Ou seja, o indivíduo, ao fazer uma tatuagem, muitas vezes sente o impulso de fazer mais duas, três, e assim sucessivamente, como numa cadeia significante que se desdobra (Ferreira & Dupim, 2016). Nesse caso, o ato de marcar o corpo intensificaria ainda mais a manifestação pulsional.

É possível associar as reflexões acima com a afirmação lacaniana de que a satisfação alcançada pela pulsão é paradoxal, e o que entra em jogo é a categoria do impossível (Lacan, 2008 [1964], p.164). Isso porque a pulsão é incessante e possui uma tendência a se repetir de forma contínua, insistindo, nesses casos, nas inscrições corporais, como uma tentativa de dar um contorno ao real a partir do corpo enquanto superfície de escrita para a pulsão (Ferreira & Dupim, 2016).

A repetição, nesses casos, não é um mero mecanismo de reprodução, mas sim uma tentativa de elaboração, de processamento. Em seu texto *Recordar, Repetir e Elaborar* (1976 [1914]), Freud reforça essa ideia, ao descrever a repetição como um mecanismo inconsciente que está para além da esfera unicamente comportamental. No caso das modificações corporais enfatizadas nessa pesquisa, onde há uma contínua repetição das práticas de marcação corporal, de uma maneira praticamente compulsiva, é possível entender este ato como parte de uma energia pulsional que deseja encontrar algum tipo de possibilidade de unificação e de representação através das inscrições corporais. Ferreira & Dupim (2016) afirmam que a repetição em ato fala de um encontro do traumático com o real. Desta forma, segundo as autoras, é crucial não reduzir o ato de tatuar, por exemplo, simplesmente à reprodução de desenhos, riscos e pinturas sobre a pele, pois a insistência do sujeito em novas tatuagens consiste numa repetição, num circuito pulsional, que visa contornar o real, singular para cada sujeito que nelas insistem (Ferreira & Dupim, 2016).

Outra característica interessante presente, tanto nas tatuagens, quanto em outros tipos de marcações corporais, é a noção de borda. Costa (2003) afirma que a tatuagem, assim como o piercing e a escarificação, são formas de se fazer

“bordas”. A borda teria como função oferecer ao corpo um senso de limite, de contorno, e estas fronteiras demarcariam o dentro e fora, bem como a noção de eu e Outro. Ferreira e Dupim (2016) exploram essas ideias, ao fazerem uma associação com as tatuagens:

“A tatuagem, em sua dimensão de escrita, possui uma função subjetiva que permite a realização de um novo arranjo entre o corpo real, o corpo simbólico e o corpo imaginário através da atividade pulsional. Como uma forma de linguagem, a tatuagem engendra a construção de novos contornos e bordas que delineiam e desenharam o corpo através de letras, traços, marcas e significantes escritos sobre a pele, num manejo feito pelo sujeito para ter o próprio corpo” (Ferreira & Dupim, 2016).

A pele, em si, pode ser vista como uma “borda natural” presente em todos nós, entretanto, a noção de “borda” aqui apresentada está para além de um viés puramente físico, passando também pela via do simbólico. Essas “bordas simbólicas”, que trazem aos indivíduos um contraste relacionado ao eu x mundo e ao dentro x fora, são primeiramente adquiridas em épocas precoces do desenvolvimento, onde a figura materna, conforme visto anteriormente, se torna responsável por, num primeiro momento, introduzir a criança ao senso de corporeidade, através dos conceitos winnicottianos de *handling* e *holding* e também através do próprio estágio do espelho descrito anteriormente, onde passa a existir um maior reconhecimento do sujeito em relação à sua autoimagem. Portanto, o Outro possui um papel fundamental, tanto no processo de consolidação das “bordas simbólicas” do corpo, quanto no processo de introduzir a criança à noção de corporeidade, visando o objetivo de oferecer ao sujeito em desenvolvimento uma experiência de unificação de seu próprio corpo.

No caso das modificações corporais, o sujeitos praticantes parecem querer trazer um significado à experiência corporal através das inscrições realizadas na superfície da pele, como uma linguagem que vai oferecendo uma espécie de contorno ao sujeito, na medida em que as marcações vão sendo feitas. Nestes corpos são deixadas marcas que inevitavelmente irão ser vistas por outras pessoas, ou seja, pelo Outro. Essas marcas poderiam também ser vistas como mensagens que, ao mesmo tempo em que carregam toda uma dimensão subjetiva e particular, também se endereçam ao Outro e desejam ser vistas pelo Outro, como se enxergassem na esfera corporal um espaço de fala e de expressão.

Portanto, na medida em que o corpo é visto como como uma forma de linguagem e um meio através do qual ocorre a comunicação entre sujeito e Outro, é possível observar a abertura de um espaço para novas formas de subjetivação na contemporaneidade, onde, cada vez mais, a dimensão corporal adquire um lugar importante de expressão e simbolização, que está para além do viés unicamente estético.

5. Considerações finais

Esta pesquisa procurou refletir sobre os entrelaçamentos existentes entre corpo e psiquismo, utilizando o contexto das modificações corporais como referência para tais investigações.

Foi demonstrado nas investigações teóricas que imagem inconsciente do corpo e constituição psíquica estão diretamente interligadas. O processo de constituição psíquica, conforme demonstrado anteriormente, ocorre paralelamente ao desenvolvimento do corpo e da percepção sensorial. Através do contato da criança com experiências sensoriais e emocionais provindas do ambiente e também do interior de seu próprio corpo, fatores psíquicos vão sendo, aos poucos, explorados e desenvolvidos, e as vivências primárias possuem um papel fundamental neste processo, assim como a relação da criança com o ambiente. O desejo materno é considerado um precursor da constituição psíquica, e isto acentua a importância do fator relacional para que um indivíduo consiga se estruturar psiquicamente. A imagem inconsciente do corpo, por sua vez, representa o modo como o corpo é percebido psiquicamente pelo sujeito e está interligada à história de vida de cada indivíduo e aos registros sensoriais inconscientes experimentados, principalmente, na 1ª infância. A imagem inconsciente do corpo, portanto, não pode ser vista como separada do processo de constituição psíquica.

O fator relacional, ou seja, a comunicação do sujeito com o Outro, assume uma importância significativa para a compreensão do conceito de imagem inconsciente do corpo; isto porque esta imagem apenas consegue ser construída dentro de uma esfera interrelacional, que posteriormente se estenderá para a relação do sujeito com outras pessoas de seu meio. Portanto, o modo como o sujeito virá a se relacionar futuramente com o ambiente externo e com sua própria dimensão corporal dependerá, em boa parte, do modo como foi estabelecida, na infância, a relação dele com seus cuidadores.

Para que ocorra um processo de maturação corporal, o qual ocorre paralelamente a um processo de maturação psíquica, é necessário que o sujeito passe por diferentes fases ou estágios de desenvolvimento. Foi visto anteriormente que na fase do autoerotismo as zonas erógenas encontram-se em uma forma fragmentada e desorganizada. Em uma fase narcísica posterior, este corpo começará a adquirir uma forma mais bem delineada e unificada, trazendo ao sujeito uma percepção mais aprimorada de sua imagem corporal. É importante frisar, entretanto, que essa ordenação só será possível caso exista um Outro capaz de antecipar essa unidade corporal. A constituição do Eu, portanto, se definiria principalmente pela unificação do corpo na presença do olhar do Outro (Lazzarini e Viana, 2006).

As teorizações relativas ao estádio do espelho, proposto por Lacan (1949), reafirmam novamente a importância do fator relacional para a percepção que o sujeito terá de seu corpo; isso porque a forma como a criança irá lidar com seu esquema corporal, incluindo em épocas futuras, dependerá do que ela viu anteriormente ao olhar o rosto de sua figura materna. O rosto materno, em sua expressividade afetiva, sustenta o olhar do bebê e o devolve a si mesmo (Socha, 2008). Ou seja, os cuidadores, especialmente no que diz respeito à figura materna, terão a função de apresentar à criança o corpo que está sendo refletido no espelho - que é o corpo dela -, e o cuidado oferecido pelo objeto primário é fundamental para que tal reconhecimento ocorra por parte do infante. Tal cuidado não se refere somente ao manejo das necessidades físicas da criança (aqui, dando um maior destaque ao esquema corporal), como num ato de enfermagem, mas também a um acolhimento afetivo por parte da figura materna (o qual irá repercutir principalmente na imagem inconsciente que a criança desenvolverá acerca de seu corpo).

Na visão de Lacan (1949), a relação especular estabelecida com o objeto primário é fundamental para a formação do inconsciente no sujeito; isto porque, para o autor, é necessário que a palavra ultrapasse o campo do real e inscreva no corpo os significantes que irão nomeá-lo como sujeito, criando, assim, traços de memória que significarão o sujeito através da repetição.

Sobre os entrelaces entre desenvolvimento emocional e corporal, de acordo com Paul Schilder (1999), a vida emocional tem um papel enorme na forma final do modelo postural do corpo. A influência emocional mudará o valor

relativo e a clareza das diversas partes da imagem corporal, de acordo com as tendências libidinais. Essa mudança pode ser uma mudança da superfície do corpo, da parte interna do corpo, da aparência subjetiva da pele, uma perda da sensação relativa a qualquer parte do corpo, a transposição de uma parte do corpo para outra, e etc. Partindo dessa ideia, se torna possível uma melhor compreensão acerca do funcionamento das modificações corporais, de acordo com as tendências libidinais e emocionais de cada sujeito, as quais irão conseqüentemente alterar a maneira como o indivíduo enxerga seu próprio corpo e também influenciar no modo como ele irá lidar com sua dimensão corporal, o que poderá inclusive trazer como resultado a busca por tais mudanças.

Na contemporaneidade, o espaço psíquico encontra-se cada vez mais ameaçado e empobrecido em termos representacionais, o que leva as experiências sensoriais a se tornarem ainda mais evidenciadas. Cada sujeito “marca” seu corpo de um modo individual, segundo as impressões de sua infância precoce (Fontes, 2010). Essas experiências são marcadas no corpo, pois elas não podem ser rememoradas pela linguagem, ou seja, pelo discurso do indivíduo, uma vez que elas foram impressas em um registro sensorial. Entretanto, a possibilidade de ligar corpo e afeto, através da sensorialidade, promove o acesso à representação e à linguagem. Ainda segundo Fontes (2010), “o corpo é testemunha de todas as circunstâncias vividas pelo indivíduo. Ele não esquece e mantém a memória do acontecimento”.

O conceito de bioidentidades, apresentado por Francisco Ortega (2006), apresenta uma perspectiva interessante que serve de auxílio à análise das modificações corporais. Segundo o autor, essas práticas “fundem corpo e mente na formação de bioidentidades somáticas” (Ortega, p. 46). De acordo com suas formulações, o indivíduo que se apropria de tais práticas se dividiria em duas identidades, de modo que uma delas é negada e a outra é vista como a identidade a ser alcançada, sendo que esta última é considerada pelo indivíduo como sendo sua identidade “real”, embora ela costume ser provisória. Este caráter provisório, que resulta em uma constante modificação do esquema corporal, decorre do fato de o sujeito permanecer nessa incessante busca pela modificação do seu corpo, sempre acrescentando uma nova marcação, de forma repetitiva e compulsiva. Portanto, ao mesmo tempo em que o sujeito veria essa identidade “nova” como sendo sua

identidade “real”, ela também seria uma identidade fugidia, que logo adiante abriria espaço para que o esquema corporal sofresse novamente outras alterações.

As ideias propostas por Mieli (2002) acerca do conceito de landmark demonstram a importância da inscrição na pele como definição da identidade subjetiva. Aqui estão inseridos, por exemplo, os casos das tatuagens e/ou da criação voluntária de cicatrizes. A intervenção irreversível sobre o corpo, que ocorreria por meio de cortes, incisões ou manipulações de diferentes tipos, levaria à constituição do landmark. O landmark poderia funcionar como uma construção de sentido, como a narrativa de uma história, e também poderia servir como tentativas de esclarecimento e de cura. Essas tentativas visariam trazer ao sujeito uma maior compreensão acerca de experiências vivenciadas anteriormente. A autora observou, a partir de casos clínicos que envolviam práticas de modificações corporais, que essas intervenções eram vistas por tais sujeitos a partir de uma perspectiva de “necessidade”. A manipulação corporal irreversível seria uma tentativa de dar estabilidade a uma forma que oscila. Além disso, Mieli (2002) descreve a possibilidade de o landmark servir como um ritual de passagem, que permite que o sujeito passe a uma nova fase, a um novo estado. Nos rituais de passagem, através da indução voluntária de cicatrizes na pele ou da aplicação de tatuagens, a dor se constituiria como um aspecto necessário à aquisição de um novo estado, ela delimitaria uma transição.

Nolasco (2006) avalia as modificações corporais a partir de uma perspectiva fenomenológica, como uma prática que serve ao sujeito como uma possibilidade de determinação do Eu, como uma ação que confere uma experiência de continuidade, de existência, de permanência. Através de entrevistas com sujeitos tatuados, o autor encontrou uma menção de que tais marcas serviam como elementos através dos quais tais indivíduos sentiam-se donos de si mesmos. Nesses casos, o corpo serviria, não apenas como um condutor de registros de experiências subjetivas, mas também como um espaço onde o processo de individuação torna-se possível, como uma espécie de afirmação da singularidade de tais sujeitos.

Através das práticas de modificações corporais abordadas nesta pesquisa, que incluem a marcação de parte considerável ou quase total da superfície do corpo, foi possível perceber que os sujeitos adeptos de tais práticas utilizam as modificações corporais, não apenas como forma de obtenção de um resultado

estético - embora a questão estética também esteja inclusa nisso -, mas também como forma de representar no corpo suas experiências psíquicas.

É importante enfatizar as modificações corporais como atos que estão para além dos efeitos unicamente estéticos sustentados pela lógica capitalista e pela cultura midiática. O caráter pulsional advindo das práticas de modificações corporais aponta para uma contínua necessidade de se inscrever no corpo - de forma repetitiva e compulsiva - uma série de marcas simbólicas, que permitem que a esfera corporal seja utilizada como um modo de comunicação e de linguagem. No caso das modificações corporais, a superfície da pele é utilizada como uma tela passível de ser marcada de diversas formas. É possível perceber que indivíduos que se submetem a tais práticas de modificações corporais não apenas estão querendo marcar e simbolizar o próprio corpo, mas também se constituir como sujeitos.

Foi observado através das investigações teóricas desta pesquisa que indivíduos que aderem às práticas de modificações corporais dificilmente sentem-se satisfeitos com o estado atual de seus corpos, sempre recorrendo a novas práticas e procedimentos de transformação corporal, em um movimento repetitivo. É possível atrelar as teorizações de Silva e Porchat (2010) com esse fenômeno da repetição que acontece nas práticas de modificações corporais, que possui associação com a ideia de “faísca pulsional” descrita pelas autoras, que leva o indivíduo ao impulso de fazer cada vez mais mais marcações na pele, como numa cadeia significativa que se desdobra (Ferreira & Dupim, 2016). Portanto, o ato de marcar o corpo intensificaria ainda mais a manifestação pulsional. Lacan (2008 [1964]) descreve a satisfação alcançada pela pulsão como paradoxal, pois o que entra em cena nesse caso é a categoria do impossível, uma vez que a pulsão é percebida como incessante e possui uma tendência a se repetir de forma contínua. As inscrições corporais serviriam como uma tentativa de dar um contorno real a partir do corpo enquanto superfície de marcação para a pulsão. A repetição, nesses casos, poderia também ser vista como forma de elaboração e processamento, conforme descrito por Freud (1976 [1914]) em seu texto *Recordar, Repetir e Elaborar*. No caso das modificações corporais enfatizadas nessa pesquisa, onde há uma tendência contínua e compulsiva de repetição das práticas de marcação corporal, é possível entender este ato como parte de uma energia pulsional que

deseja encontrar algum tipo de possibilidade de unificação e de representação através das inscrições corporais.

Ferreira & Dupim (2016) afirmam que a repetição em ato fala de um encontro do traumático com o real. Sendo assim, ao mesmo tempo em que o aparelho psíquico encontra-se aberto a novas inscrições, ele também possui uma tendência natural à repetição - ou devido ao fato de essas experiências terem sido prazerosas, ou devido ao fato de as mesmas precisarem de uma melhor elaboração.

Associando essas reflexões com as investigações teóricas feitas nos primeiros capítulos, é possível supor que a tendência à repetição, juntamente com a necessidade de se fazer marcações na superfície da pele (alterando-se, assim, o esquema corporal), pode estar atrelada ao desejo de se atribuir significado às experiências psíquicas através da dimensão corporal, utilizando o corpo como uma via através da qual é possível dar voz a tendências psíquicas e registros mnêmicos que encontram possibilidade de expressão, processamento e elaboração nas práticas de modificações corporais, as quais procuram dar uma maior ênfase às questões de contorno e de demarcação dos limites corporais, bem como às experiências sensoriais, que também são importantes para a própria elaboração das experiências psíquicas.

É possível fazer uma associação das necessidades de se obter um maior senso de delimitação corporal e de dar ênfase às experiências sensoriais com os fenômenos provindos da 1ª infância, onde há um primeiro contato do sujeito - ainda bebê - com suas experiências sensoriais e psíquicas, sendo o ambiente um fator fundamental para o desenvolvimento da percepção da criança acerca de seu próprio corpo. Portanto, caso tenha havido uma fixação do sujeito a esta fase do desenvolvimento, onde o corpo é visto como principal canal comunicativo e onde as percepções sensoriais estão mais afloradas (uma vez que a comunicação verbal ainda não foi desenvolvida), pode ser que futuramente ocorra um movimento de retorno narcísico às tendências libidinais atreladas ao investimento no corpo, na tentativa de se obter uma melhor significação das experiências psíquicas que ocorreram no passado ou então na tentativa de se explorar o universo da sensorialidade, oferecendo maiores possibilidades de contorno, de delimitação e de sentido às experiências do corpo, que estão em contato direto com as experiências psíquicas.

Ao longo desta pesquisa foi também possível perceber que a dimensão corporal se constitui como uma forma de linguagem. Através do corpo, é possível haver uma comunicação entre o sujeito e o ambiente. O corpo, dessa forma, afeta e também é afetado/influenciado pelo ambiente desde os primórdios da vida, servindo como uma via comunicativa que resulta em percepções de proximidade/identificação ou de separação do sujeito em relação ao mundo externo, uma vez que o corpo permite que um contato seja estabelecido e também que fronteiras delimitem as diferenças e as distâncias existentes entre o indivíduo e o ambiente.

Corpo e psiquismo é um tema que envolve diversas possibilidades e campos de pesquisa, e é essencial que outros estudos sejam feitos dentro desta área, levando-se em consideração o quanto que o corpo vem sendo cada vez mais investido, principalmente por jovens, nas sociedades contemporâneas. As práticas de modificações corporais abordadas nesta pesquisa são um exemplo do modo como o corpo tem sido simbolicamente investido por indivíduos atualmente e também uma demonstração da correlação existente entre corpo e psiquismo, mas é recomendado que outros estudos sejam feitos, não apenas na área das modificações corporais, mas também na área de transtornos atrelados à imagem corporal. Outro ponto interessante a ser explorado seria a questão da dor e/ou dos limites corporais e físicos, que muitas vezes são desafiados e colocados em xeque para que seja dada voz à expressão da subjetividade na dimensão corporal, como nos casos de anorexia, bulimia, auto-mutilação, vigorexia, dentre outros.

6. Referências

- Anzieu, D. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- Assoun, P-L. **Metapsicologia freudiana. Uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.
- Birman, J. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- Coelho Junior, N. E. Da intercorporeidade à co-corporeidade: elementos para uma clínica psicanalítica. In: **Revista Brasileira de Psicanálise**, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Costa, A. **Tatuagem e marcas corporais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- Dolto, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- Dossin, F. R.; Ramos, C. M. A. Corporalidades no urbano contemporâneo: a body modification e os modern primitives. In: **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura Faculdade de Comunicação**, Salvador, 2008.
- Elia, L. **Corpo e sexualidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.
- Ferreira, I. M. F; Dupim, G. V. Entre imagem e escrita: a tatuagem como artefato à subjetividade. In: **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 7, n. 1, 2016.
- Fontes, I. **Psicanálise do sensível: Fundamentos e clínica**. Rio de Janeiro: Ideias e Letras, 2010.
- Freud, S. Estudos sobre a histeria. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1893.
- _____. (1899). Lembranças encobridoras. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____ (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____ (1915). Pulsões e seus destinos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1920). Além do princípio de prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1923). O eu o id. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____ (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago, 1980.

Godard, H. Le geste manquant, Etats de corps. In: **Revue Internationale de Psychanalyse**, n. 5, 1994.

Lacan, J. (1949). O estágio do espelho como formador das funções do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1964). O Seminário. Livro 11. In: **Os Quatro Conceitos Fundamentais em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008

_____ (2006). **Meu Ensino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

Lazzarini, E. R.; Viana, T. C. O corpo em psicanálise. In: **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 241-250, 2006.

Le Breton, D. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.

Maluf, S. W. Corpo e Corporalidade nas culturas contemporâneas: Abordagens antropológicas. In: **Esboços: Revista do programa de pós graduação em história da UFSC**. Chapecó: UFSC, 2002.

Mieli, P. **Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

Moreira, J. D. O., Teixeira, L. C., & Nicolau, R. D. F. Inscrições corporais: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise. In: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v. 13, n. 4, p. 585- 598, 2010.

Nolasco, S. A. Body Modification (BM): o corpo e a experiência de si no contemporâneo. In: **Revista Mal Estar e Subjetividade**, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200006&lng=pt&tlng=pt.

Ogden, T. **Projective Identification and Psychotherapeutic Technique**. Northvale, N. J.: Aronson, 1982.

Orbach, S. **Bodies**. London: Profile, 2009.

Ortega, F. Práticas de Ascese Corporal e Constituição de Bioidentidades. In: **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 59-77, 2003. Disponível em: <http://www.nesc.ufrj.br/cadernos/2003_1/2003_1%20FOrtega.pdf>

_____. (2006). Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: **Culturas Jovens**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Pires, B. F. **O corpo como suporte da arte: piercing – implantes – escarificação - tatuagem**. São Paulo: Senac, 2005.

Pizutti, J. M. **A constituição do sujeito na psicanálise**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1218/Jaqueline%20Pizutti%20monografia.pdf?sequence=1>

Preyer, W. **Die seele des kindes**. Leipzig: Kessinger Publishing, 1882.

Schilder, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da Psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Silva, G. F.; Porchat, P. Tatuagem, Unheimliche e identificação: Desvelamentos. In: **Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia**, 2, p. 347-359, 2010.

Socha, A. A função especular da voz materna e suas referências ao psiquismo e à constituição do si mesmo. In: **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 3, n. 1 e 2, p. 1-12, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2008000100001&lng=pt&nrm=iso>

Spitz, R. A. **"O Primeiro ano de Vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais"**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

Sternick, M. V. C. O corpo no espelho. In: **Revista de Psicologia Plural**. n. 1, v. 35, p. 97-118, 2012.

Tustin, F. **The protective shell in children and adults**. London: Karnac Books, 1990.

Winnicott, D. (1967). O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento Infantil. In: **O Brincar e a Realidade**, p. 153-162. Rio de Janeiro: Imago, 1975.